

TERCEIRA PARTE DA

# RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL PRODIGIOSA.

OFFERECIDA AO SERENISSIMO  
*Principe de Portugal* Dom THEODOSIO.

PELO D. GREGORIO DE ALMEIDA VLYSSIPONENSE



Anno

1644.

*Com todas as licenças necessarias.*

Em Lisboa, Por Antonio Alvarez Impressor DelRey N. 5.



L I C E N C A S .

**N**AM tem este tratado coufa algũa contra a Fé, ou bons costumes, S. Domingos de Lisboa 6. de Nouembro de 643.  
*M. Fr. Ignacio Galuão.*

**N**AM tem coufa, que seja contra nossa Sancta Fé, & bõs costumes. Neste Cõuento do Carmo de Lisboa 16. de Nouembro de 643.  
*D. Fr. Gaspar dos Reys.*

**V**istas as infor maçoens, pode se imprimir a terceira parte da Restauração de Portugal, Autor o Doutor Gregorio de Almeida, & despois de impressa torne ao Concelho, pera se conferir com o Original, & se dar licença pera correr, & sem ella não correrá. Lisboa 20. de Nouembro de 1643.

*Fr. Ioão de Vasconcellos.*

*Pedro da Sylua.*

*Francisco Cardoso de Torneo.*

*Sebastião Cesar.*

*Diogo de Sousa.*

**P**ode se imprimir Lisboa 23. de Nouembro de 1643.

*O Bispo de Targa.*

**Q**ue se possa imprimir este liuro, visto as licenças do S. Officio & Ordinario, & despois de impresso torne pera se taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 22. de Dezembro de 1643.

*Meneses.*

*Pinheiro.*

*Coelho*

**E**Stã conforme com o Original. Em S. Domingos de Lisboa 15. de Janeiro de 644.

*M. Fr. Ignacio Galuão.*

**V**isto estar conforme com o Original, pode correr este liuro. Lisboa 19. de Janeiro de 1644.

*Francisco Cardoso de Torneo*

*Pedro da Sylua.*

*Sebastião Cesar.*

*Diogo de Sousa.*

Taxaõ este liuro em quarenta reis em papel. Lisboa 23. de Janeiro de 644.

*Pinheiro.*

*Coelho.*



# SERENISSIMO SENHOR.

**C**FFERECO esta Terceira parte da  
Restauração Prodigiôsa de Portugal aos  
pés de Vossa Alteza: por seu argumen-  
to ser das gloriosas obras de ElRey N. Senhor,  
me asseguro seja Vossa Alteza seruido recebela  
em suas reaes mãos: nellas ficará emparada, &  
em thesouro com gram ventagem a Iliada de  
Homero guardada por Alexandre no escriptorio  
de ouro de ElRey Dario. Nas generosas faça-  
nhas de Sua Magestade tem Vossa Alteza valê-  
te exemplar, cuja imitação fará a Vossa Alteza  
hũa perfeita Idea dos mais esclarecidos Princi-  
pes, & Monarchas do mundo. Poderá tam-  
bem servir de memorial pera Vossa Alteza re-  
munerar as proezas heroicas dos vassallos Por-  
tugueses, que com igual esforço, & amor ser-  
uem a S. Magestade. Guarde Deos a Real pessoa  
de V. Alteza pera defensão da Igreja Catholica,  
côseruação, & augmêto da Monarchia Lusitana  
& inteiro cõprimêto de nossas esperanças.

*D. Gregorio de Almeida.*

me ſtram, queira o meſmo Senhor communicarnos graça, pera que noſſa ingratição, & má correſpondência a ſua diuina Mageſtade nunca deſmereção a continuação, & perpetuidade dellas.

Pelo que, ſe os antigos heroes Luſitanos tiuerão razaõ para entalhar (*Plus Ultra*) nos padroões de memoria das façanhas, que obraraõ na cõnquiſta de novos reynos, emmendando a celebre letra, que o famoso Hercules abriu nas colũnas, q̃ na boca do Eſtreito de Oceano leuãtara. *Non plus ultra*, muito maior ha, pera nũca ſe poderẽ fixar balizas às marauilhas, & merces, que o Senhor foi ſeruido conceder a Portugal, no diſcurſo deſtes feliciffimos tempos.

Eſta razãõ, alem das que demos no prologo da primeira parte, he a deſcarga de a mandarmos ao prelo reconhecendoa por imperfeita. Bem pudera em hum instante ſair a diuina Omnipotencia com a machina do Vniuerſo acabada, porem naõ quiz, ſenãõ em ſeis dias, quanto mais onde o talento he limitado, & as diligencias, & noticias dos ſucceſſos, alem de ſerem poucas, dependem dos tempos, com cuja ſucceſſãõ de força ſe haõ de regular.

Muito deſejei meter na ſegunda impreſſãõ nos lugares do liuro mais conuenientes os caſos, que neſtes tempos de nouo ſe nos deſcubrirãõ, porem o prelo ſe deu a tanta preſſa ſolicitado dos animos zelozos do ſeruiço de Sua Mageſtade, & do bem da patria, q̃ quando acudi, já eraõ em taõ grande parte paſſados, que nem pera os lançar no fim da obra ouue lugar, & fui obrigado aos eſtampar por ſy ſós.

E ſe hem reconhecemos juſtiça nas queixas, que os curioſos amigos da patria podem formar da breuidade, com que tocõ materias, que por ſua qualidade mereciãõ largos volumes, com tudo naõ me poſſo



sahir do estilo recopilado, que dei a toda a obra, assim pelo não permittir a inueja, ou brio da nação Portugueza, salua, que já tomei no capitulo primeiro, & segundo da segunda parte, como por me não ser possível dar alcance a mais miudas, & perfectas noticias, sem as quaes mal se pode a pena com certeza espraiair.

Sayo a luz com estas, que me sobreuierão pera matar desejos de leaes, & verdadeiros Portuguezes entreteendoos em quanto não vem diante de seus olhos a mais rara, & marauilhosa historia de todas as do mundo, qual pedem a admiravel, & gloriosa acclamação de Sua Magestade, & singulares marauilhas do Ceo, q̄ ao Senhor com seu braço omnipotēte aprouue obrar nestes tempos do mui amado, & bendiçoado Rey D. IO A M nosso Senhor.

Se bem as noticias dos successos, que historiamos na primeira, & segunda parte, nos chegaraõ per pessoas tão graues, que sua authoridade moralmente nos tinha certificados, pera confiadamente os podermos escreuer, & sahir com elles a publico: comtudo algũs emmendamos na segunda impressãõ por razãõ da melhoria, & ventagem das informaçõs, que depois nos vieraõ. E querendo fazer o mesmo ao que dissemos no capitulo <sup>quatorze</sup> da segunda parte, da morte de Sancho de Faria Capitão mór da primeira viagem da India, que Sua Magestade expedio, achamos o prelo tam adiantado, que já não ouue lugar.

Pelo que declaramos, que de nouo fomos inteirados; assi per cartas dos Padres da Cõpanhia de IESVS que se acharaõ presentes: como de outras pessoas de authoridade, que este fidalgo se defendeo com os da Nao valerosamente, não degenerando hum ponto do brio, & valor de seus Audo, até que sendo na peleja

4 *Restauração de Portugal Prodigiosa.*

atraveſſado pela garganta com hũa lança, cahira morto, o que vendo os ſeus, & achandose impossibilitados pera mais reſiſtir: pois o animo de taõ generoſo, & amado Capitaõ era a alma de ſeus corpos, & o valor de ſuas armas, ſe renderaõ: no que nunca viera Sancho de Faria: por quanto o brio de honrado Portuguez, & illuſtre vaſſallo Del Rey Dom I O A M noſſo Senhor, naõ ſofrera verſe rendido a poder algũ.

*C A P. I. Relataſe como a divina Juſtiça foy diſpondo o caſtigo da ſogeição de Portugal à Caſtella.*



**N**A M ha fugir a execução do que no tribunal da divina Juſtiça eſtã aſſentado, por quanto a Prouidencia divina de tal forte vai diſpondo o curso das couſas humanas, q̃ todas vem a concorrer ao cumprimento dos fins decretados. Mui bem o veremos de buxado, no que ſuccedeo a Portugal com Caſtella. Tinha Deos noſſo Senhor, por ſeus altos, & incomprehenſiveis juizes acordado, que a Coroa Luſitana 60. annos foſſe ſogeita aos Reys de Caſtella, tudo ſuaue, & efficazmente ſe foi dirigindo em ordem a eſte fim.

Primeiramente a morte de onze filhos do Sereniſſimo Rey Dom Manoel, & a do Sereniſſimo Principe Dom Ioãõ, & as de nove irmãas, ſeus filhos legitimos de El Rey Dom Ioãõ 3. de ſuaue, & glorioſa memoria, claramente demonſtrauaõ a attenuação, q̃ do ſangue Real Portuguez eſperaua a eſta Monarchia Luſitana.

Boa proua he deſte intento, o oraculo do Ceo, q̃ refere



refere o Autor Borbense da Companhia de IESV no seu 3. Tomo, do Serenissimo Senhor Dom Duarte filho do Infante Dom Duarte, ao qual o Reyno pertencia depois da fatal perda Africana, & morte do Cardeal Rey seu tio. Estaua este Principe em Euora em oração de noite diante do altar do SANTISSIMO SACRAMENTO, como costumaua, o Senhor do Sacrario em voz clara lhe disse. *Queres o Reyno de Portugal, ou a bemauenturanca?* tres vezes fôou esta voz, & acabada cada hũa pondo o peito, & boca em terra, respondeo o Infante, *Senhor quero o Ceo.* Ao dia seguinte adoeceo, & recebidos os Sacramentos deu o espirito ao Senhor: forte pera elle felicissima: porem pera o Reyno principio, não fô de eternas saudades, mas de degrao da ruina, & castigo da Coroa Lusitana, pois com a falta de taõ esclarecido Principe teue o Rey Castelhano occasiã pera entrar em Portugal, & o sogeitar com a violencia, & poder de suas armas.

P. Bêto  
Fernãd  
tom. 3.  
c. 49. S.  
2. n. 15,

No segundo lugar nasceo o Serenissimo Rey Dõ Sebastiaõ impetrado do Ceo a poder de orações, & lagrimas de seus vassallos, porem tam generoso, & de tam altos espiritos, & soberanos intentos, que nam cabendo em seus Reynos, passou aos alheos Africanos muito de menor idade, & poder dõ que Alexandre sahio de Macedonia.

Iornada foi esta, que o Cardeal seu tio, & muitos senhores, & grandes do Reyno procuraraõ impedir com grandes instancias, & mui graues razoës; entre elles tem o primeiro lugar o Padre Luis Gonçaluez da Companhia de IESV seu Mestre, & Martim Gõçaluez da Camara seu irmão ambos filhos dos senhores da casa da Calheta, cujas propostas refere o Padre

P. Sebas  
Barr. 3.

Sabida he tambem a proposta, que muitas vezes lhe repetio o insigne varaõ Simaõ Gomez bem visto, & ouvido do mesmo Serenissimo Rey, de que fizemos menção no capitulo 19. da primeira parte.

A nenhũa razaõ se dobrou o coração do Rey já deliberado. Sae de Portugal pera entrar em batalha com innumeraueis Mouros, sem deixar ao menos em Portugal Principe jurado, que lhe succedesse, em caso, que o successo da batalha lhe fosse aduerso, como foi, tendo exemplo do que fez o mui esclarecido Rey Dom Manoel seu bisauô, o qual indo a Castella celebrar vodas com a Serenissima Rainha Dona Isabel, primeiro deixou jurado Principe de Portugal ao Serenissimo Duque Dom Iaymes seu sobrinho.

E se o não fez por estar claro auer de lhe succeder o Serenissimo Cardeal Dom Enrique, com tudo era este esclarecido Principe já de tanta idade, & indisposições, que de força deuera deixar resoluta, & assentado com elle como a Serenissima Senhora Dona Catherina era a immediata sua successora na Coroa. Por outra parte estaua tam claro pertencerlhe o Reyno, que não necessitava de noua declaração.

Finalmente aliuia, & liura de toda a culpa deixar o Serenissimo Rey Dom Sebastiaõ em seu testamento, que fez aos treze de Junho do anno de 1578. declarado na successão do Reyno ao Cardeal seu tio, & no següdo lugar a Senhora Infanta Dona Catherina Duquesa de Bragança sua tia, prima com irmam do Principe Dom Ioão seu pay.

Porem este testamento se sumio, & desapareceu: como tambem o liuro de Porco Espim, no qual estaua o direito da successão deste Reyno, com as Cortes de



de Lamego, & outras determinações dos Reys passados, que se guardaua no cartorio da Camara de Lisboa.

Affim que nesta serie de successos se vé bem, como o Ceo nos foi levando pera si os Principes Portuguezes em ordem ao castigo, que a diuina Iustica tinha ordenado dar a este Reyno, cortandolhe com elles a liberdade, & mais felicidades, que debaixo de seu dominio, & emparo possuiaõ; & executando o açoute de males, & deshonnas, que de força auião de acompanhar apriuiação de Reys proprios, & a sogetião Castellhana.

Pera este effeito ordenou o soberano tribunal da suprema, & diuina Magestade, que Castella neste tempo tiueffe por seu Rey a Dom Philippe segundo, o mais sagaz, prudente, & ardiloso Monarcha, que aquelles Reynos já mais lograrão. Soube vsar de tanta industria, & prudencia com o Serenissimo Cardeal Dom Enrique, que acabou com elle não declarar por successora do Reyno à Serenissima Senhora Dona Catharina, & deixar a successão desta Coroa indecisa, pera sinco Governadores, que logo nomeou, a sentenciarem. A estes tratou de render pelo Duque de Osuna, & Dom Christouão de Moura, com promessas, & peitas, & a muitos do Reyno com cartazes affinados em brãco: ás Camaras inuiou cartas mui brãdas: Dõde cõ veridade costumaua a dizer este Monarcha, fallado de Portugal. *No le compre*. Finalmẽte no Reyno, & fora delle não deixou industria, & negoceação alguma.

Na Curia Romana a penas se começaua a tratar da dispensação pera o Cardeal Rey celebrar matrimonio com alguma senhora de mui alto, & real sangue,

quando ElRey Dom Phelippe prudente logo auisou a seu Embaixador, que por todas as vias a impedisse, pera cujo effeito o Embaixador logo applicou toda a industria, & diligencia.

Ao Serenissimo Rey Dom Sebastião acõpanhou o Duque Dom Theodosio, sendo de doze annos na jornada de Africa, onde ficou catiuo. Na volta, que este Principe fez para Portugal, o deteue o Duque de Medina Sidonia, disfarçando cõ titulo de festas, & recreações, atençaõ de seu Rey, o qual pretendia com estas ausencias tirallo tanto dos coraçõens dos Portuguezes, quanto lho afastaua dos olhos, cortando desta forte todas as esperanças, & alento, q̃a presença deste Principe podia conciliar ao Reyno.

Não deixaua ElRey Catholico de ver a violencia, & injustiça, que suas armas, & industria fazião ao direito da Serenissima Senhora Duquesa de Bragança, & juntamente de sentir os remorsos da propria consciencia, para satisfação de hũa, & outra parte fez promessa a Sua Alteza do Reyno do Algarue, & das terras, q̃ foraõ dos Infantes, & franqueza, para mandar cada anno á India hũa não por sua conta, de cujo comprimento, despois que se vio apossado do Reyno, dissimulou.

Muy acertadas, & devidas eraõ as partilhas do Sceptro, segundo a sagrada Theologia ensina, onde as pretençoens, ao menos nunca se podiaõ negar serem duvidosas, quando se ouesse de negar ser o Reyno todo da Serenissima Senhora Dona Catherina.

Finalmente alem do que temos dito, muyto inclinou à miseravel ruina, em que deu a grande maquina da monarchia Lusitana a nenhũa experiencia, que os Portuguezes tinhaõ dos males, que a priuação



de Reys naturaes traz configo, & a grandefalta de armas, gente, & riquezas, que ElRey Dom Sebastião leuou a Africa: & o dinheiro, que despois foy para resgate dos catiuos, por quanto ficou o Reyno exhausto de tudo, & pelo conseguinte impossibilitado à se defender do exercito, que ElRey Dom Phelippe ajuntou em quanto reynou o Cardeal Dom Enrique.

Com tudo o valor, & animo Portuguez dos velhos, & moços, que ficarão no Reyno, bem sobejauão para o defender, se se vniraõ, & deliberarão a pelejar, como confessou o Duque de Alua a ElRey Catholico, dandolhe rezaõ de entrar em Portugal com tam numeroso exercito. *Yo pensaua, que los Portugueses tenian de pelear.*

CA P. II. De alguns vaticinios, como Portugal teria Rey natural antes de se acabar o anno de 640.

**N**O capitulo primeiro da primeira parte tocamos algũas consideraçoens, dando razão de auer dante maõ tantos vaticinios, & noticias da gloriosa Restauração deste Reyno, pela felice acclamação da Augustissima Magestade DELRey nosso Senhor Dom I O A M.

Entre ellas nos pareceo merecia bom lugar o argumento, que pessoas doutas, & graues fizeraõ. s. se aproue a diuina Prouidencia multiplicar por varias vias as noticias da ruina, & attenuação de Portugal, causada pelo desastrado successo da jornada, &

perda

per da Africana do Serenissimo Rey Dom Sebastião, communicandoas a muitas pessoas, como logo veremos: grande razão auia de conueniencia pera o mesmo Senhor per muitas vias dar tambem noticias de sua ditosa restauração pela acclamação da Magestade do muito alto, & mui poderoso Rey Dom IOAM.

Do aperto, & attenuação, a que Portugal chegaria, foberão por maior El Rey Dom Affonso Enriquez, S. Bernardo, S. Frey Gil, a Infanta Dona Maria, & Simão Gomez, como em capitulos paticulares já mostramos.

E do infulto successo da jornada de Africa, em q se perdeu El Rey Dom Sebastião, tuerão reuelação no mesmo dia S. Luis Beltrão em Valença, como se esereue em sua vida, & S. Teresa em Auila, segundo refere o Bispo de Tarragona na vida desta Sancta, & o Padre Ioseph de Anchieta da Cõpanhia de IESV fallou della no mesmo dia em o Braçal, como dissemos no capitulo 41.

Cap. 13

p. 129.

4. c. 16

p. 193.

Bisp. l.

3. c. 17.

O venerauel Frey Ioão de Aguila, fundador da Prouincia da Arrabida disse ao mesmo Serenissimo Rey Dom Sebastião o infeliz successo, que sua jornada auia de ter, conforme se conta na historia da Prouincia de S. Gabriel: & das memorias, que ha na Prouincia da Piedade, consta dizer o virtuoso varão Frey Antonio de Nebrixa ao Serenissimo Rey Dom Sebastião, estando ainda no Algarue, o mesmo triste, & lamentauel fim de sua jornada.

Depois de El Rey ser partido pera Africa, estando Frey Pedro Nicolas reuestando-se pera dizer Missa, lhe pediu hum Religioso encomendasse a Deos El Rey Dom Sebastião, que passaua a Africa com muita gente contra os Mouros, inclinandose o seruo de Deos



per algum espaço, lhe respondeo rompendo com hũ sospiro mui sentido. Quanto melhor lhe fora não ter ido là, porque nem se louvará disso nem tornará mais a estas partes. O que conta o Padre Frei Christouão Moreno na vida deste religioso varão.

Do que acabamos de relatar se infere bem, que se Deos foi seruido de dar liberalmente tantas noticias do infeliz successo, & lamentavel ruina da attenuação deste Reyno pela perda da jornada Africana, não ha que reparar, em nos acharmos hoje pela gloriosa aclamação de ElRey nosso Senhor Dom I O A M com tantas da restauração, & liberdade do mesmo Reyno, de cujo bem, & gloria se mostrou o Senhor tam lembrado, & querençoso.

Nas diuinas letras ha largas prouas de mui auentajados effeitos da diuina clemencia aos de sua justiça & claros argumentos de o Senhor estimar antes conceder merces, do que exercitar castigos: donde bem nos podemos persuadir, que mal poderia o Senhor ser menos liberal das noticias alegres, & benéficas da restauração de Portugal, do que o fora das tristes de sua attenuação.

Lançado, & presuppõsto este fundamento, seja o primeiro vaticinio, o que nos deu o muito Reuerendo Padre Doutor Frei Pedro de Sousa Gèral de S. Bõto, & irmão mais velho do Conde de Casteln, elhor Gèral da fronteira de Entre Dóuro, & Minho, & he o seguinte.

Estando eu na Curia Romana sobre negocios da Ordem, vi na Igreja de S. Pedro hũ pobre Portuguez natural da Beira, representaua ser de setenta annos, ao qual ouui muitas vezes repetir, como no anno de 40. auiamos de ter Rey Portuguez. Succedeome no

mes de Nouembro ir a mesma Igreja, & encontrar a este pobre, & por graça lhe disse, que a era de 40. se acabava, que nouas tinha do nosso Rey Portuguez? Elle me respondeo, que antes dos 40. acabados se auia de apoflar de Portugal, & logo no dia da Conceição de nossa Senhora aos 8. de Dezembro me tornei a uer com elle a casa na mesma Igreja de S. Pedro, & lhe disse os 40. são acabados, & não temos Rey Portuguez. Respondeome, descanse, descanse, porque ha de vir no tempo, que lhe affirmo. Aos 18. do dito mes de Dezembro chegou a alegre noua a Roma, como em Portugal auia Rey Portuguez, & encontrandonos ambos me disse. *Não o dizia eu?* Ao qual respondi; *tomai estes quatrins de esmola, & encomendaio muito a S. Pedro, & a Deos nosso Senhor.* Certifico, & juro in verbo sacerdotis passar na verdade. Tibaens 19. de Junho de 1643.

*Doutor Frei Pedro de Sousa Geral de S. Bento.*

**O** Segundo seja o que nos referem pessoas fidedignas de hum laurador natural de Ruão aldea quatro legoas de Madrid, o qual no anno de 1640. todos os dias sanctos, & Domingos entrava naquella Corte, & nam sabendo ler, nem escreuer, fazia nos cantos das ruas hũas praticas com lugares da Escritura bem trazidos, dizendo. *Que Dios lo mandaua avisar a Espanha, que la tenia de castigar, y que leuantaria Rey como leuantara al Conde de Guimaranes, y lo biziera Rey de los Lusitanos.* Acabadas as praticas se recolhia á sua aldea sem comer, nem beber em Madrid. Foi preso este homem, & examinado: & por se achar, que suas praticas não continhaõ mal algum, foi restituído a sua liberdade.



Do terceiro nos certifica o Padre Frei Pedro de Christo companheiro do muito Reuerendo Padre Gêral de S. Bento nesta forma, Certifico eu Frei Pedro de Christo, que indo eu a casa de Dom João Pereira Prior de São Nicolao de Lisboa, hũa pessoa Ecclesiastica tida por virtuosa, me perguntou, que nouas corriaõ na Cidade? Eu lhe respondi, que não sabia mais que dizerse estaua despedida a senhora Mantuana do governo: porque corria lhe dauam tres meses, pera concerto de seu fato: & que a mandauão mudar pera Madrid. Este ecclesiastico me respondeo. *Zombe vossa Paternidade disso, que ouue: porque a Senhora Infanta não se ha de sabir; & replicandolhe eu, está já despedida do governo, & que não tinha, que fazer em Portugal. Respondeome. Não se canse, que estando ella governando este Reyno, auemos de ter Rey Portuguez. Assim succedeo, porque El Rey de Castella lhe prolongou mais tres annos de governo, de q̄ foi dar as graças a Santo Antonio, & nos Paços esteue atè a felice aclamação de Sua Magestade, q̄ Deos nos guarde. O que tudo juro nos Santos Euangelhos passar na verdade. Tibaões, & Junho 19. de 643.*

*Frei Pedro de Christo.*

**CAP III.** *Proseguemse outros vaticinios sobre o mesmo argumento, & hum caso raro de Barcellos.*

**P**ER A casa da Supplicação do Porto foi despachado certo julgador antes do anno de quarenta, indo pagar a mea annata, pediu aos Ministros della Manoel Rodriguez, & a seu cõpanheiro, que não aper-  
tassera

tassê cõ Domingos Galvão o fidalguinho, medidor do Verdopeso, que elle daua por fiador da outra ameta. de, senão passado o vltimo dia do anno de quarenta.

Mui notorias eraõ entre as pessoas, que conhecião a este sogetto, as esperanças, em que elle viuia de Portugal auer de ter Rey entre os limites, & prazo do anno de quarenta. Responderãolhe com confiança de amigos, que esperauão os annos, que elle quizesse, com tanto, que ninguem lhe ouuisse fallar no anno de quarenta, & que deixasse já taes ditos. Tornou o Dezembargador, *que lhe fizessem a amizade que lhes pedia, & o deixassem com a sua lide, que não fazia mal a ninguem, mas já que lhe dauão palura de não executarem a seu fiador, os asseguraua de antes o anno de quarenta se fechar, Portugal teria Rey, & que elle não pagaria quarenta mil reis da meia annata.*

Foi Deos seruido, que chegou o alegre dia da acclamação de Sua Magestade, achouse a ella Agostinho Rodriguez filho de Manoel Rodriguez, de quem acima fallamos, & recolhendose pera casa mui aluorocado, relatou a seu pay, como ficaua acclamado pellas ruas Sua Magestade, o pay lembrado do que passara com o Dezembargador, rompeo dizendo. *Agora cayo no que affirmava tanto de ueras o Dezembargador sobre auermos de ter Rey Portuguez antes que se cerrasse a era de quarenta: & como não auia de pagar a meia annata.*

Outro vaticinio constará do testemunho seguinte. Certifico Francisco Lopez da Rocha, que sendo eu juiz de fora da Cidade de Braga, & seruido de Ouvidor, me mandou o Arcebispo



Dom Sebastião de Mattos executar os fiadores dos soldados, que elle offerecera a ElRey de Castella pera a guerra de Catalunha, por quanto fugiraõ do Reyno de Aragão os mais delles, entre os quaes desaparecera tambem hum Fulano Moreira, criado de hum Cidadão muito nobre daquella Cidade grande Portuguez, & bem versado nos versos de Bandarra, & mais vaticinios, por cujo respeito foi requerido por dezaseis mil reis, recusou o pagamento, & fui forçado mandalo prender sobre sua homenagem.

Hũa noite veio se ter comigo, & pediome licença pera hir a hũas vodas de sua obrigação fora da Cidade, & dizendolhe eu pera que queria desgostos com o Arcebispo a troco de tão pouco dinheiro? me respondeo: *Logo vossa merce não está pelo que he certo, & averiguado; Vossa merce não ve como o estado do Reyno nam pode durar, & como neste anno nos ha Deus de liurar destes apertos com nos dar Rey Portuguez, pois não hey de pagar neste anno bem me podem carregar de ferros; por que quanto me nos tempo ha pera se acabar o anno, tanto mais breue será a molestia de minha prisão.*

Passauamos estas praticas no mes de Nouembro; eu lhe tornei, que hiamos já muito no fim do anno, mes que fosse embora às vodas, que eu dissimularia: com tanto, que se acabado Dezembro não apparecese o Incuberto, que me auia de dar palaura de pagar sem molestia de execução: assim mo prometeo, acrescentando poreo, que estiuessẽ certo, que neste anno de 40. auia de apparecer o Incuberto, & liurallo não só daquella pena, mas a todo o Reyno dos apertos, em que se via, & com isto se despedio de mim mui confiado.

Passados

Passados poucos dias, succedeo a felice acclamação de Sua Magestade, & encontrandonos, me leuou nos braços com notavel excessõ de contentamento, & alegria. O que juro pelos Santos Euangelhos passar na verdade. Porto 17. de Maio de 643.

*Francisco Lopez da Rocha.*

**D**ebaixo do juramento dos Sanctos Euangelhos testemunhão o Licenciado Bento Luis da Sylua, & Ioão Carualho moradores na Cidade do Porto, que elles em os 18. de Nouembro do anno feliz de 1640. ouviram a certo Capitão em sua casa na mesma Cidade do Porto, estando muitas pessoas presentes praticando sobre as cousas, q̄ passauão no Reyno, dizer a Iacome Carneiro de Barros, seu parente bem chegado, que não se detiueſſe nas Canarias, pera onde estaua pera se fazer à vela, & dahi pera Angola, & Indias de Castella: porque, antes q̄ o anno de 1640 se acabasse, auia Portugal de ter Rey Portuguez, & a niaõ os Portuguezes de tomar armas contra Castella, & que a Angola lho escreueria, pera que não passasse às Indias.

Debaixo do mesmo juramento certificaõ Hieronymo de Castro Carneiro, & seu irmaõ Pantaleaõ Carneiro, & Philippe de Faria, ouirem dizer ao mesmo Capitão no terreiro da Igreja de nossa Senhora da Victoria tratando todos das miserias, em que Portugal se via, *Senhores, não temos que nos cançar, em quanto El Rey Dom Philippe não bolir com as mininas dos olhos do Reyno, que são os Fidalgos, não auemos de ter Rey Portuguez, & como veio ordem pera os Fidalgos irem a Catalunha* He ouviraõ dizer: *Vaisenos chegando o desejado tempo de gozarmos Rey Portuguez.*

Vindo



Vindo ao caso de Barcellos, que prometemos. Com mais ventura que Rachel se podia alegrar hũa mulher na Comarca de Barcellos Freguesia de Quirós, por quanto se Rachel choraua, como querem alguns Expositores, porque não merecera ter filhos, os quaes militando debaixo das bandeiras do Rey Meff *S. Ang. Iudic. 19. Orig. hom. 3. in diuers. 10.* fias, dessem por elle a vida aos fios da espada do cruel tyranno Herodes, como a deixarão os sanctos mininos Innocentes descendentes de sua irmãa Lia, & por ser grande seu sentimento faz delle menção o Propheeta Hieremias. *Rachel plorans filios suos, & noluit consolari, quia non sunt.*

A Portugueza de Barcellos foi taõ venturosa, que de hum sô parto teue quatro filhos, & posto que hum morreo logo, todos os mais ficarão viuos para pelejarem por seu Rey. Constará o successo do testemunho do Padre Frei Francisco das Chagas Religioso Carmelita descalço prègador no mosteiro de Viana, & he na forma seguinte.

Certifico, que na freguesia de Quirós, Comarca de Barcellos andando pejada huma mulher na era de 1639. & dizendolhe hũa vizinha, que deuia de trazer duas crianças, pelo que representaua. Respondeo a molher. *Quatro vos pareceraõ, & todos machos, porque dizem, vem Rey Portuguez, & lhos quero dar pera soldados.* Passadas estas praticas dahi a cinco meses chegou a hora do parto; cousa marauilhosa! sendo assim que esta molher de todos os partos não parira mais que hũa sô criança, antão lhe nascerão quatro, dos quaes tres eraõ viuos, & espertos.

Eu vy os mininos, & fallei com a molher, aqual me disse o referido: & acrescentou, que não sabia, quẽ lhe posera aquellas palauras no pensamento pera as

dizer, & que só lhe lembrarão quando Deos lhe fizer  
 ra merce de a alumiar. E por assim passar na verdade  
 o affirmo, & juro in verbo sacerdotis. Viana 21. de  
 Mayo de 1643. *Fr. Francisco das Chagas.*

**C A P. IV. Do que a Sanctidade do Papa Gregorio  
 13. & outras grauíssimas pessoas mostrarão  
 sentir da sojeição de Portugal  
 a Castella.**



**I**ND A QUE os Summos Pontifices, vi-  
 gairos de Christo Senhor nosso, sejam re-  
 gra infallinel, que não pode errar nas cou-  
 sas, que diffinem ex cathedra, propondoas  
 authenticamente à Igreja Catholica, pe-  
 ra as crer, como de fé diuina, conforme nos ensinão  
 os sagrados Concilios, & todos os Doutores Catholi-  
 cos, que largamente referem os Padres Francisco Soa-  
 res, Luis de Molina, & o Cardeal Bellarmino.

*Soar. 2.  
 de fide.  
 d. 5. 8.  
 Mol. de  
 inst. d.  
 325.  
 Bellar.  
 l. 4. de  
 Rom.  
 Pont. c.  
 5.*

E pelo conseguinte não possaõ errar em materia  
 de costumes, que ensinão, & dão a toda a Igreja, segun-  
 do escreuem os mesmos Doutores, com tudo suas o-  
 pinioens, & pareceres particulares se deuem ter em  
 grande respeito.

Que a Santidade do Papa Gregorio 13. tiueffe pe-  
 ra si, que a successão da Coroa de Portugal pertencia à  
 Alteza da serenissima Senhora Dona Catherina, & q  
 o Catholico Rey Dom Philippe segundo violentara  
 seu direito, pode constar pelo que escreueo ao Padre  
 Frei Diogo de Chaves confessor do mesmo Rey en-  
 carregandolhe com muitas palauras, que tratasse com  
 elle cazasse cõ hũa das filhas dos Duques de Bragãça,  
 ao que



ão que ElRey deu esperanças de assi o fazer: & ainda de que escolheria pera Esposa do Principe seu filho hũa das filhas da mesma Casa:

E pera em effeito ElRey Catholico celebrar esta composição, & satisfazer ao direito de Sua Alteza violentado com o poder de suas armas, expedio Sua Santidade hum Nuncio, ao qual o mesmo Rey mandou entreter em Badajoz até se ver apossado de todo o Reyno de Portugal.

Vindo ao que outras grauíssimas pessoas sentirão da fugeição de Portugal a Castella, fomos no primeiro lugar o parecer de Dom Christouão de Moura estando pera morrer. Tem a fraqueza, & aperto da morte tanta efficacia pera ajustar as acções humanas com a rezão, & justiça, que com muito fundamento concordão os Sagrados Expositores ser esta a principal conueniencia, por cujo respeito escolherão os Patriarchas Isaac, Iacob, Moyse, & Tobias o tempo de seu passamento pera lançarem as bençoens a seus mui amados filhos, auendo, que a morte, de que se vião cercados, os aualiaua com o mundo por desapaixonados, & inteiros mais naquella hora, que em todas as da vida.

Mui bem estaua nesta philosophia o Papa Innocencio nono, pois ainda na pintura da morte reconhecia, & experimentaua tanta força, que quando entrava em negocios de importancia, mandaua trazer diante de sy hum quadro, em que estaua retratado pello natural espirando, pera que pregando os olhos nelle, os despachasse com mais iateireza, & justiça.

Do que temos tocado se coll girá bem a estimação grande, que merece pela circũstancia do tẽpo, o q

referiremos do Marquez de CastelRodrigo Dom Christouão de Moura, o qual no anno de 1611. aos 16. pera 20. de Dezembro na Villa de Madrid se viu no cabo da vida em vesporas da estreita conta, que todos auemos de dar ao supremo, & vniuersal juiz de nossas acçoës, o escrupulo, que naquellas horas mais o atormentaua, erão os remorsos, que sua alma padecia acerca das agencies, & instancias, que fizera em prejuizo da casa de Bragança sobre a successão do Reyno.

Por quante Frei Luis Alvarez de Tauora Bailio de Langò, & Leça, Comendador de Poyares, da Magistral de Villa Coua, & fundador do Collegio de São Lourenço da Companhia de I E S V S da Cidade do Porto escreueo à Magestade de El Rey Dom I O A M nosso Senhor entre outras cousas, como o Marquez Dom Christouão seu tio, irmão de sua mãy Dona Francisca de Tauora, estando pera morrer obrigado de grandes estimulos, que grauemente o inquietauão, auisara a El Rey Catholico Dom Philippe terceiro, pera descargo, & satisfação de sua consciência, do muito direito, que a Casa de Bragança tinha ao Reyno de Portugal, & do escrupulo grauissimo que o apertaua do cabedal, que metera pera o Cardeal Rey Dom Enrique se inclinar a Castella, & não declarar a Serenissima Senhora Dona Catherina por sua successora na Coroa: & da industria, & bens officios que nesta conformidade fizera com os senhores Titulares, & mais fidalgos Portuguezes pera tomarem a voz de El Rey de Castella.

Como desta doença Deos foi seruido levar pera sy ao Marqz D. Christouã de Moura, q morreo em Madrid, & não ouue lugar pera vir reposta; anda porẽ em maõs de



curiosos hũa pera Miguel de Moura de outra carta, q̃ tãbẽ lhe escreueo, pela qual facilmete podemos colligir, qual poderia ser a resposta da carta do Marquez, se ouuera lugar pera ella: & o pouco, que obrigarã em peito, se bem real, pio, & Catholico, todauia preso das ricas, & gloriosas cadeas, em que o tinha a posse da Monarquia Lusitana tam estendida, & tanto pera estimar.

Miguel de Moura, que foi Governador deste Reyno, vendo mal cõpridas as promessas de Castella, quebrando se os foros, & priuilegios, que a Portugal forão jurados, escreueo a El Rey Catholico, como pera si não queria, nem pretendia consa algũa, mais q̃ em algũa forma descarregar sua consciencia, representandolhe, como os Portuguezes estauão enganados com se lhe não guardarem os capitulos, & priuilegios dos Serenissimos Reys Dom Manoel, & Dom Sebastião, que lhe prometerão, & jurarão de lhe guardar inteiramente. De Castella se lhe respondeo de sorte, q̃ de malecolia morreo em breues dias.

Bem comprido vemos neste caso o do Ecclesiastico, *Multos occidit tristitia.* Os pensamentos tristes costumão ser inimigos da vida. E o sentimento reconcentrado no peito de successos encontrados a nosso gosto, são hũa lima furda, que, sem se sentir, & sem dor corta, & abreuia a vida.

Eccles.

30. nu.

2.

Bom exemplo temos no Marquez D. Christouão de Moura, do qual se conta, que quando descahio da priuança por morte de El Rey D. Philippe prudente, se recolheo a hũa quinta entre Lisboa, & Setual, & entretendose em pescarias, & jogos licitos dizia: *Se o Arcebispo de Toledo soubera pescar, & jogar, como eu faço, não morrerã tanto em breue,* alludindo a este

Prelado, o qual vendose desterrado da Corte por ElRey Dom Philippe terceiro achar hũ parecer seu, em que o aualiaua por menos idoneo pera o gouerno, tanto se deixou entrar do sentimento, que em mui poucos dias acabou.

Não posso deixar de tocar a doutrina; que as diuinas letras nos ensinão, de como a dor, & tristeza das almas Christãs he sô bem empregada no pesar, & arrependimento de culpas cometidas contra Deos, cuja bondade deuemos amar sobre todas as cousas. Bem expressado o temos em a Sabiduria diuina encarnada não ir à mão ás lagrimas de sentimento, & contrição que a Magdalena derramaua por suas culpas a seus sagrados pés, & com a ausencia deste diuino Mestre ser objecto mui digno de muitas lagrimas de saudades, ouue o Senhor por bem fazelas parar. *Mulier, quid ploras?* não pondo limite algum as que choraua cõ tristeza, & dor de seus peccados.

Ultimamente, fora nunca acabar se ouuessemos de relatar os pareceres, & ditos, que os mais doutos, & insignes lentes da Vniuersidade de Coimbra, & ainda Castelhanos de outras escreuerão, & algũs tratados deste argumento se mandarão ao prelo nos tempos dos Reys Catolicos Philippes; porem referirei sómente dous.

Ao grande Pero Barbosa bem conhecido por suas muitas letras, & hum dos conselheiros de Castella, disse, como ElRey Dom Phelippe prudente morria com grandes mostras de Christandade; respondeo este insigne varaõ, *Restitue elle*. Dom Ioão Beltraõ de Gueuara foi hum dos mais abalifados letrados, que florecerão em Castella: nelle cõcorrerão grã de inteireza, & Christandade, com que occupou os

princi-



os principaes lugares do conselho de Madrid, & Bispa-  
dos do Reyno, & veio a morrer Arcebispo de Santia-  
go. Este esclarecido varão confessava, que a conselha-  
ra a El Rey Catholico o prudente, que fizesse grandes  
merces ao Duque de Bragança, ainda que as não pe-  
disse, porque assi lhe conuinha pera descargo de sua  
consciencia.

C A P. V. Explicaçãose algũs versos de Gonçalo  
Annes Bandarra.



**A**INDA que no capitulo 22. & 24. da pri-  
meira parte, bem largamente mostramos  
fallar Gõçalo Annes Bandarra, destes di-  
tosos tempos, em que pela bondade diui-  
na nos vemos: com tudo pera satisfazer-  
mos aos coraçõs verdadeiramente Portuguezes, sem  
pre sequiosos, como hydropicos, destas curiosidades  
nos pareceo ajuntarmos as que nossa diligencia pode  
descobrir, despois da primeira impressãõ

Antes de Bandarra fallar do feliz anno de quaren-  
ta traz estes versos.

*Antes de serem quarenta  
Erguerseba gram tormenta*

*Do que attenta,*

*Que logo serà amansada,*

*E tomada a estrada*

*De calada.*

Bem se podem entender do aleuãtamẽto de Euo-  
ra, o qual, como tempestade desfeita, correo muita

parte de Portugal, & Ilhas do Oceano no anno de 1637. Delle fallamos em alguns lugares da segunda parte. Acrescenta, que logo serenaria, como vimos. Tambem o disse a molher virtuosa de Euora, que largamente referimos no capitulo 28. da primeira parte. No verso seguinte parece allude ao grande segredo, com q se tratou a acclamação de Sua Magestade, como no capitulo segundo da segunda parte relatamos.

*Segundo firmal assenta*

*Já se cerrão os quarenta?*

Poreste ( Firmal ) entendeo Bandarra a Escriitura Sagrada: por quanto em seus versos allega aos Prophetas Daniel, Isaias, Ieremias, & juntamente a Esdras, como tocamos no capitulo terceiro, & segundo da primeira parte mostramos explicarse bem o sagrado Texto dos successos gloriosos das conquistas do nosso Reyno Lusitano.

E com muita propriedade debaixo deste termo ( Firmal ) nos parece entendeo a Escriitura Sagrada, por quanto se ( firmal ) he o mesmo, que finete, o sagrado Texto he hum finete objectiuo de nossa fee; que em si contem as promessas diuinas, segundo a exposiçao de Sancto Ambrosio, & a Glossa interlineal

*D. Am.* sobre aquellas palauras do Apostolo S. Paulo. *Firmum*  
*br. in 2 fundamentum Dei est habens signaculum hoc.*

*epist. ad Timoth* Já a este proposito o Propheta Rey deu á diuina  
2. na Escriitura o nome de firmamento, *Firmamentum est*  
*dominus timentibus eum, & testamentum ipsius, ut manifestetur illis:* por quanto a palaura [ *Firmamentum* ]  
vertem, São Hieronymo, Aquila, Simacho, & Rufebio



em *Secretum Domini, ineffabile arcanum, colloquium, mysterium*. Segredo, pratica, mysterio, de que consta o Testamento velho, & nouo.

Tambem alguns curiosos dos muytos, que ha destes versos, entendem por este (Firmal) o testamento, & juramento do esclarecido Rey Dom Affonso Henriquez, pera a qual interpretação não se poderá negar auer muytas conueniencias: A primeira he, quadrat bem ao testamento, & juramento deste glorioso Rey, o que acabamos de dizer do Sagrado Texto na forma que as cousas humanas symbolizaõ, & se assemelhaõ ás diuinas.

A segunda he, porque (Firmal) parece o mesmo, q̃ (Firma) & este nome costumamos dar ao que affirmamos. Donde podemos conjeiturar, que veyo Bandarra a chamar (firma) por anthonomasia ao testamento, & juramento real do Serenissimo Rey Dom Affonso Henriquez: porque quanto o esclarecido Rey affirmou, assim pela materia, como por ser palavra Real, na qual tudo he verdade, merece chamar-se por excellencia (Firma.)

Terceira conueniencia: porque neste testamento, & juramento se fundão, & formaõ todas as felicidades presentes da restauração da Coroa, & Sceptro Lusitano; por quanto nelle se encerra a promessa do Senhor empregar seus diuinos olhos na decima sextageneração, a qual no capitulo septimo da primeira parte, mostramos ser a Augustissima Magestade de El Rey nosso Senhor.

*Já se cerrão os quarenta.*

Aff se ha de ler, & nam (já cessarão os quarenta)

Foy

28 *Restauração de Portugal Prodigiosa.*  
Foy erro da impressão, como se ve bem na explica-  
ção, que lhe damos, & em muytos liuros, o emmen-  
damos com a pena.

*Iã dà brado.*

No capitulo 22. da segunda parte declaramos, &  
trouxemes este verso nesta forma, pelo acharmos af-  
fim em muytos transumptos; agora em outros demos  
com elle mudado desta sorte.

*Iã dobrado.*

Tem muy boa, & natural explicação: porque co-  
mo não auia de conduzir a Sua Magestade, & se in-  
clinar a ser Rey; nem auia podelo dobrar a vir, em  
que o acclamassem Rey, como vimos no capitulo pri-  
meiro da segunda parte, faz com rezaõ Bandarra par-  
ticular menção desta maravilha de já se dobrar, ao q̃  
delle o Reyno tanto desejava; & em varias occasiões  
com grandes anhas pretendera.

*C A P. VI. Prosegue se a explicação de outros  
versos de Gonçalo Annes Bandarra.*



O S versos, de que tratamos neste capi-  
tulo, se emprega Bandarra todo em de-  
clarar a pessoa de El Rey nosso Sen hor  
Dom IO A M.

*Este gram Rey excellente,  
De que tomei minha teima,  
Não he de casta Goleima,  
Nem de Rey primo parente.*



Já no capitulo 22. da primeira parte explicamos os dous primeiros versos; agora o fazemos aos seguintes, pera que conste, como em todos fala, & particulariza a Sua Magestade.

*Naõ he de casta Goleima.*

Explica Bandarra em primeiro lugar a El Rey nosso Senhor pelo que não he, & por isso diz, que nam he de casta Goleima; por quanto casta (Goleima) he o mesmo, que geração baixa, & humilde: qual era a do Gigante Golias, de cujo nome nos parece se compoz este adjectiuo Goleima. E S. Hieronymo tem per a sy, que este Gigante Golias, ao qual David veece em desafio, era filho de gigantes, & a glosa interlineal o diz expressamente.

1. Reg.  
cap. 17.

E já pode ser, que naquelle tempo de Bandarra era modo de falar entre a gente commum, & ordinaria chamarem se os homens baixos, de casta Goleima, como hoje he dos que comem muyto, o nome de [Comilão] derivado, ao que parece, do famoso comedor, Milão Crotoniense, do qual escreveu Celio Rodigino, que nos jogos Olympicos matou hum touro com hũa só pancada a punho seco, & o comeo todo naquelle dia.

Calio  
Rhod.  
l. 5. c.  
21.

E quando em tempo de Bandarra não fosse este termo commum, & vulgar modo de falar dos antigos consta serem os Gigantes chamados filhos da terra; porque além do mesmo vocabulo (Gigante) se compoz do verbo Grego, *ΓΙΓΟΜΑΙ*. que quer dizer nascer, & ser gerado: & do nome *Γῆ*, ou *Γῆ*, conforme a *Dialecto Dorica*, que significa terra, os quaes termos juntos vem a dizer, filho da terra: Com este appellido já nos tempos antigos vulgarmente serão chamados fi-

lhos

lhos da terra os homens humildes, & baixos, cõmo consta do que Lactancio Firmiano escreve. *Terra filij dici soliti, qui ignotis parentibus sunt nati.* E Cicero escrevendo a Attico o disse bem claramente. *Huic terra filij nescio cur committere epistolam tantis de rebus non audeo.*

*Lactãc. l.1. in st*  
*Tul. l.2*

Donde parece nasceo chamarmos aos baixos de geração filhos da terra.

Que os Gigantes fossem tidos, & chamados filhos da terra, o expressaraõ os Poetas antigos, como explicou Virgilio em suas Georgicas.

*Georg. l.2*

*Tum partu terra nefando,  
Cœumq̃, Iapetumq̃ creat. sæuumq̃, Typhoea,  
Et coniuratos Cœlum rescindere fratres,*

E Horacio em suas Odes.

*Hor. l.3 Ode 4.*

*Iniecta monst̃ris terra dolet suis,  
Mœretq̃, partus fulmine luridum  
missos ad Orcum. —*

E chamandose os Gigantes filhos da terra, pelos antigos erão aualiadados por homens de casta baixa, & humilde, porque desta sorte se manifestaua, que seus pays não erão conhecidos no mōdo. Donde veyo, q̃ dizendo o Satyrico, que antes escolheria ser homem de baixa geração, disse, que queria ser irmaõ dos Gigantes.

*Iuuenal. Satyr. 4*

*Vnde sit, vt malim fraterculus esse Gigantum.  
Nem de Rey primo parente.*

Nem tambem he este Rey de que falo, filho im-

media



mediatamente de Rey por tal conhecido; porque se bem o Serenissimo Duque Dom Theodosio o era no direito ao Reyno, como tocamos no capitulo 17. & cutros da primeira parte, com tudo não o foy na posse, pela violencia das armas Castelhanas.

Não contente Bandarra com declarar a Sua Magestade per negação exprimindo o que Sua Magestade não era nos versos seguintes positivamente a explica, pelo que he.

*E vem de alta semente,*

*De todos quatro costados.*

Nestes termos declara a real ascendência de pays, & avós de Sua Magestade. Della trataõ as Crônicas dos Reys pela muyta liança de parentesco, que por casamentos muitas vezes ouue entre elles, & a Real Casa de Bragança, como largamente escreuem Dom Fernando Aluia de Castro, & Rodrigo Mendez da Sylua, & outros muitos historiadores, que trataõ dos Reys Portugueses, & Castelhanos.

*Todos Reys de primos grados,*

*De Leuante até o Poente.*

Destta forte declara mais aos Serenissimos Avós de Sua Magestade, dizendo, que são os Reys dos primeiros, & mais principaes graos das terras, & climas, que correm de Leuante até o Poente. Assim entende mos os termos (*primos grados*) não de primeiros graos de parentesco, senão de principaes graos mathematicos, & cosmographos; como de força fõmente delles se deuem entender pelo verso, que logo ajunta.

Com o qual limita, & restringe os graos aos de Geographia; como se differa Bandarra. Os parentes deste nouo Rey não são Reys de Congo, ou de Fez, ou de quaesquer outras partes de menos nome, ou calidade; mas são parentes dos principaes Reys, que a terra tem: como na verdade he o Serenissimo Rey DOM I O A M aparentado com os Emperadores, Reys, & Principes de Europa, que são os principaes do mundo. E não ha duuida, que esta palaura (*Primos*) assim nas letras humanas, como tambem nas diuinas he não so o mesmo, que primeiros, mas tambem, que principaes; como se colhe bem do lugar de Virgilio, onde falando de quando Aeneas chegou a Italia, diz,

Æneid

Troya, qui primus ab oris,

7.

Ite aliam fato profugus.

Onde a palaura [*Primus*] val o mesmo que principal, por quanto não pode significar primeiro, porque o famoso Antenor chegou a Italia primeiro que Aeneas, como consta do que historia Liuius, & se argue do que finge o mesmo Poeta, pois diz, que Venustus pedio a Iupiter fauor pera seu filho Aeneas largir em Italia à imitação de Antenor.

Tit Liv

lib. i.

dec. i.

Æneid

7.

Antenor potuit medijs elapsus Achinis  
Illiricos penetrare sinus.

Desta forte explicação os melhores Humanistas do verso de Marcial, onde pretendendo chamar a Salustio principal historiador usa da palaura (*Primus*.)



*Hic erit, ut perhibent doctorum corda virorū,  
Crispus Romana primus in historia.*

Deixo outros lugares, que traz Calepino na palavra (*Primus*) em proua de como (*Primus*) val o mesmo, que principal, que he o nosso intento, com que fica claro, & corrente o verso de Bandarra.

*C A P. VII. Como dizem bem a Sua Magestade  
de as qualidades, que Bandarra dá ao  
Rey, de que fala.*



Primeira qualidade, ou circunstancia, cō que Bandarra descreue o Rey, de que vaticina, he a idade já de varão.

*Louneamos este Varão  
De coração.*

Notório he como desta idade varonil entrou a Magestade de El Rey nosso Senhor na Coroa, & Sceptro do Reyno, pois foy acclamado sendo de 36. annos: muy propria pera o grande pezo dos negocios, assim do gouerno do Reyno, como do apresto, & cuidados da guerra.

Na palavra (*Coração*) declara as finezas de amor com que Sua Magestade seria querido, & estimado; o que vemos bem comprido no muy leal, & fino amor, que todos os vassallos lhe tem, de que já falamos no capitulo 39. da primeira parte, & se manifestou com muy verdadeiras, & raras demõstrações nas occasiões de cõjurações, ou prisão de alguns culpados de lesa magestade humana, pelo grande trabalho, q̃ as  
justi-

justiças tiuerão em ter mão no pouo, semão enuiaffe a elles, & os comese aos bocados: como tambem se verá, do que dissemos no capitulo nono da sahida, que Sua Magestade fez de Lisboa pera Alentejo.

Outro sentido se pode dar a estes versos muy proprio, & assi a força das palauras, de que Bandarra vsa como natural, & bem merecido de Sua Magestade.

Louemos este Varão

De coração.

He o mesmo, que dizer [louemos, & gabemos o coração, que Deos concedeo a este Rey) Com muytas excellencias, grandezas, & dotes, reaes, & soberanos enriqueceo a diuina Bondade o coração de Sua Magestade. Muito auia que dizer, se o sofrera a breuidade de nosso estylo.

Do zelo da fé, que em primeiro lugar resplandece neste Real coração, já no capitulo quarenta da primeira parte dissemos. Quam pio seja pera Deos, virtude tão propria de coraçoes Reaes, & generosos, consta da magnifica, & Real doação, que Sua Magestade fez ao Mosteiro de Alcobaça; & do encargo que lhe poz, de nelle se renouar a *laus perennis*, que naquelle siglo, & Real Conuento florecera em tempos antigos, de que tratamos no capitulo quatorze da primeira parte.

A clemência, & affabilidade deste soberano coração, proua bem o riso na boca, & singular galalhado, que Sua Magestade faz a todos, em que poem seos alegres, & fermosos olhos, com que todos saem de sua presença muy alegres, & contentes: timbre de que cõrazão o Emperador Tito Vespasiano, chamado [Delicias



cias, não só dos Romanos, mas do genero humano, se prezaua muito quando dizia, *Non oportere quenquã á sermone Principis tristem discedere.* Não conuem que vassallo algum faya triste, & descontente da presença de seu Rey.

*Suet. in  
vita Ti  
ti Vesp.  
cap. 8.*

Quam alheo foi sempre, & he este inclyto, & Real coração de cobiça, & ambição, mostramos largamente no capitulo primeiro da segunda parte. Quam amigo, & zeloso seja da justiça, se vio bem: assim no gouerno do Ducado; como agora no do Reynado, na inteireza rara, & admirauel aduertência, & exame dos merecimentos, & demeritos das partes.

Em seu tempo se castigarão testemunhos falsos, aos quaes as leys abominão, com grandes castigos, como a mal tão prejudicial, & irreparauel, que tão raramente se vé na republica castigado.

Na justiça, que se executou nos comprehendidos em crime de lesa Magestade, mandou guardar pontualmente todo o estylo, & defesa concedida pelas leys, & Ordenações aos reos. Não se quiz achar presente em mesa com os juizes pera elles votarem mais liuremente; & antes de o fazerem, mandou decer hũ decreto assinado por sua Real mão, em que lhe encomendaua muito a justiça dos culpados: & lhe encarregaua, & ordenaua cortassem antes pela sua propria, do que pela dos reos.

Executada a sentença de morte, mandou no dia seguinte celebrar em sua Real Cappella hum officio com muitas missas pelas almas dos justiçaados, imitando neste particular a clemencia diuina. *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos.* Desta virtude desejava Claudiano ver reuestido ao Emperador Honorio,

*Mat. c.  
5. n. 45  
Claud.  
4. conf.  
Honor.*

*Sis pius in primis, nam cum vincamur ab omni,  
Munere, sola Deos aequat clementia nobis.*

Finalmente nunca se poderá explicar, nem dignamente venerar a largueza deste real coração: & a extraordinaria confiança em Deos, com que Sua Magestade empredeu empresa tão ardua, qual era tirar Portugal do poder, & sujeição de Castella nas circunstancias, que no capitulo segundo da segunda parte apontamos, em que Sua Magestade maravilhosamente apoz em execução com hum bojo de coração tam largo, & espaçoso: como são as areas do mar. Tanto concedeo nosso Senhor a Salamão. *Et latitudinem cordis quasi arenam, quae est in littore maris.*

9. Reg.  
c. 4. nn.  
29.

Peloque temos dito, & pelo muito mais, que callamos, podemos applicar a este generosissimo coração o que diz o sagrado Texto do coração do Real Propheta, *Inueni virum secundum cor meum*, por quanto se bem Deos talhou o de nosso Rey conforme necessitava o estado, & empreza do Reyno, enriqueceo de tão heroicas qualidades, & tão soberanos dotes, ficou cortado pelo seu coração diuino. Tornando aos versos de Gonçalo Annes Bandarra, dizem assi.

Ant. A  
post. cap  
23.  
2. Reg.  
cap. 13.  
nn. 14.

*Porque he Rey de direito  
Deos o fez todo perfeito,  
E eleito.*

Allude ao direito natural, & ciuil, que El Rey nosso Senhor tinha ao Reyno, herdado com o sangue como já em muitos lugares tocamos, & juntamente declara, como alem do direito do sangue seria eleito como foi pela acclamação vniuersal do Reyno, & jurado Rey pelos tres Estados.



*Deos o fez todo perfeito  
Dotado de perfeição.*

Nestes termos diz por maior as muitas prendas,  
& dotes realengas, & moraes, com que a diuina Bon-  
dade em tanta perfeição ornou, & enriqueceo a Sua  
Magestade, que o fez hum mui perfeito exemplar de  
Reys Christãos.

*CAP. VIII. Mostrase como outras circumstancias  
do Rey, de quefalla Bandarra, quadram bem;  
a Sua Magestade.*



PONTA Gõçalo Annes Bandarra tan-  
tas circumstancias do Rey, de que trata-  
ua, que mostrando nõs quadrarem bema  
a Sua Magestade, não fica lugar pera se  
poder duuidar ser Sua Magestade o Rey,  
de que vaticinaua.

*Este Rey tem hum irmão  
Bom Capitão.*

Iá no capitulo 24. apontamos, como neste verso  
fallaua do Serenissimo Infante Dom Duarte, o qual  
nas guerras de Alemanha mereceo, & alcançou este  
nome de gram capitaõ,

*Não se sabe sua irmandade.*

Val o mesmo q dizer, he a irmandade entre Sua Ma-  
gestade, & o Serenissimo Infante de qualidade, q não  
se sabe explicar, deixando aperder de vista atè a estre-  
ta, & a fama dos antigos entre os celebres irmãos  
Castor, & Pollux.

Mui bem prouão as finezas desta irmandade os muitos correos, que Sua Magestade expedio ao Serenissimo Infante pera o fazer sabedor de sua felice acclamação: & as transordinarias diligencias, que por ordem de Sua Magestade se fizeraõ sobre sua liberdade: & sobre tudo sahir em pessoa de Lisboa Sua Magestade, & mandar marchar a hum exercito de mais de trinta mil homens aualiados por pessoas praticas em guerra pelos mais lustrosos exercitados, & destros em armas, que ha muitos tempos vio Europa, entrar por Castella a fim de libertar ao Serenissimo Infante do poder de seus inimigos.

Tambem nos parece mui natural a explicação, que dão algũs curiosos, a saber, não tem mais irmãos como se verifica em Sua Magestade, do qual não sabemos hoje mais irmandade, nem tinha mais, que o Serenissimo Infante Dom Duarte grande Capitão, ao tempo que Sua Magestade se apossou do Reyno, do qual tempo Bandarra sômente falla.

A cujo respeito chama a Sua Magestade varão, & ao Serenissimo Infante, Capitão, porque nesta conjunção auia já annos, que o Ceo nos tinha roubado o Serenissimo Infante Dom Alexandre, de cuja piedade, brandura, gentileza, & mais prendas raras teremos os que o conhecemos perpetuas faudas. Em outros transumptos acho este verso treslado desta sorte.

*Não declaro a irmandade.*

Nesta forma não ha em que deter.

*Todo he nobre em bondade,  
E de verdade.*



Estes versos nos parecem hum breue epilogo em que Bandarra cifra as qualidades, & virtudes moraes que ornão a Real, & Augustissima pessoa de Sua Magestade, das quaes tocamos já algumas no capitulo setimo, & em outros lugares da primeira, & segunda parte.

*C A P. IX. Continuase o mesmo argumento de outras circumstancias do Rey, de que Bandarra falla.*



E I O tambem Gonçalo Annes Bandarra a dizer como Sua Magestade expediria seu exercito sahindo de Lisboa.

*Que sahirà com o pendão.*

Neste nos poem diante dos olhos apartida de Sua Magestade pera Alentejo com mui luzido, & copioso exercito. Aos 19. de Julho deste presente anno de 1643. em hum domingo, no qual se celebraua a festa do Anjo Custodio do Reyno, pelas tres horas da tarde sahio El Rey nosso Senhor em corpo, bastão na mão coura danta debaixo de roupeta larga, banda verde, & em tudo mais hum ayroso, & bellicoso Marte.

Pozse a cavallo, & logo fez o mesmo hũa nuuem de fidalgos todos reuestidos em mui lustrosas armas, e o acompanharão até à Sé; onde Sua Magestade despois de tomada a benção ao Santissimo Sacramento, recebeu de giolhos o Crucifixo milagroso, que no ditoso dia de sua acclamação despregara o braço, do qual fallamos em o capitulo 4. da segunda parte.

Voltou Sua Magestade da Sé direito a Campai- nha, sem subir ao Paço; & pela ponte da Casa da India entrou no bargantim, do qual passou à galé, &

esta despois de hũa alegre salua a remo, & vela fugiu com Sua Magestade pera Aldeagalega, aqual com presença de Sua Magestade ficou Real.

Não ha palauras, com que se possa explicar a multidão dos leaes Portuguezes, que acompanhauão seu Rey nesta sahida: não cabião nas ruas, & terreiro do Paço, & mais praças. Nem se pode encarecer quão mal soffrião ficarem em terra vendo nauegar seu muy amado Rey, & como querião não sô darem as mãos pera passarem o rio, como o Mantuano cantou das almas.

*Tendebātq; manus ripa vltioris amore.*

Mas tambem desejauão azas pera voar, & seguir a Sua Magestade.

Muito menos cabem na pena as saudades dos seus vassallos, como lançauão mãos dos lenços pera enxugar as lagrimas, & poderem seguir com a vista a Galé Real, que se lhe alongaua dos olhos, & com Sua Magestade lhes leuaua roubados os corações. Os velhos lançauão mil bençoens, pedindo ao Cello tornasse mui em breue vitorioso de seus inimigos, rendendolhe muitas graças por verem em few dias a Portugal de suas proprias cinzas renouado, & meter terror ao mundo todo. Como Sua Magestade chegou a Euora, & entrou nella solememente, & mandou aos fronteiros môres do Reyno entrassem por Castella, com mão armada, & das gloriosas victorias que della alcançarão, diremos nos capitulos seguintes.

*Muitos estão desejando,  
E altercando.*



*Se o meu dito ser à certo;  
Se he de longe, se de perto,  
Sobre o tal praticando.*

Estes versos não necessitam de explicação:

*— Aquelle gram Patriarcha  
Nolo mostra,  
E declara o gram Monarcha.  
Ser das terras, & Comarca.*

Iulgamos, que por este gram Patriarcha se pode entender ao bemaumentado S. Bernardo, pelo que relatamos da sua carta no capitulo 12. da primeira parte. Ou ao Serenissimo Rey Dõ Affonso Enriquez Patriarcha, & progenitor dos Reys Lusitanos, conforme deixou jurado sobre a promessa, que Christo Salvador nosso lhe fez de na decima sexta geração attenuada tornar a por nella seus diuinos olhos: & no capitulo setimo mostramos ser a Real pessoa de Sua Magestade a decima sexta geração; & nelle estar comprido este soberano, & diuino oraculo.

Confirma-se ser esta a tenção de Bandarra, pelo que logo diz no verso seguinte [Ser das terras, & Comarca] nas quaes palauras, além do que temos dito, claramente mostra ser este gram Monarcha Portuguez natural deste Reyno, do qual vaticinava; porq fallando absolutamente em terras, bem se collige fallar das terras proprias, em que estava; por quanto pera se entender de outras fora do Reyno, de força lhe auia de dar appellido particular, que as determinasse: pelo que ficaõ por este termo absoluto excluidas as Castelhanas: & pelo conseguinte os Reys Catholicos

como já dissemos no capitulo 12. da primeira parte.

Finalmente a palaura (Comarca) designa, & restringe estas terras à prouincia de Alentejo: por quanto nos campos de Ourique parte della teue o grande Patriarcha Dom Affonso Enriquez, do qual Bandarra fallaua, o diuino oraculo da restauração da decima sexta geração attenuada.

*CAP. X Da chegada de Sua Magestade a Euora,  
& da solemne entrada, que nella fez.*

**E**M rezão estaua, que a Cidade de Euora fosse a primeira que gozasse do bem, & gloria de ter em sy a Magestade de El-Rey Dom I O A M nosso Senhor, assim pelo desejo, & ansia, com q seus moradores em algũas occasioens solicitarão a Sua Magestade, aceitasse o Sceptro do Reyno, que lhe competia: como pelo real recebimento, que lhe fizeraõ no anno de 1636, quãdo entrou nella, como já referimos na primeira parte capitulo trinta & seis: & pelo grande zelo da liberdade da patria, que mostrarão no aleuantamento do anno de 1637. de que fallamos no capitulo dezoito da segunda parte.

Aos 22. de Iulho, sabendo os moradores da Cidade de Euora, que partia Sua Magestade de Monte Môr, fahirão a esperalo hũa legoa fora da Cidade a nobreza toda, algũs superiores das Religioẽs, & infinita multidão do pouo, que mal cabião nas estradas, & sitios mais altos pera verem a seu mui amado Rey.

Chegando a São Matthias sahio ao encontro a Sua Magestade hũa companhia de innumeraveis meniaos com pendocens, & canas verdes nas



mãos, & em chegando à vista de El Rey se desfazião em viuas, & brados, parando Sua Magestade a velos, & ouuilos, que na verdade fazião hum alegre espectáculo muito pera ver, & ouuir.

As noue horas da noite entrou Sua Magestade na Cidade, a qual ardia toda em luzes; de sorte, que parecia a terra trocada em Ceo com tantas estrellas, quantas erão as luminarias, que pelos muros, torres, & janellas resplandesçiã, & mais representauão dia claro, & resplandescente, que alta noite. O continuo repique dos sinos aluorçaua os animos; & mostraua bẽ a alegria dos Cidadãos, & Povo, com a chegada de seu Rey; o qual, como sol, que das terras de Alentejo nasceo, pera lá tornaua, não pera se esconder: mas pera de nouo communicar sua luz a todos.

Entrou Sua Magestade pela porta de Alconchales Vinhão diante a caualo todos os da mesma Cidade, que tinhão sahido ao caminho: & logo os criados de Sua Magestade, & outros muytos fidalgos, antre elles as andas com o Crucifixo milagroso, que despreçou o Braço no dia da felice aclamação.

Acompanhauão ao Sancto Christo de hũa, & outra parte Dom Pedro de Meneses Bispo eleito de Miranda, & Diogo de Sousa Esmoler mór. Seguiasse Sua Magestade mostrando sua grande piedade em não querer fiar de outros olhos, mais q̃ dos seus aguarde de tam celestial joya, & thesouro. Hia Sua Magestade em corpo em hum cauallo brioso, vestido em hũa fermosa coura, bastão de General na mão, chapeo, & plumagem branca, entre os de sua guarda, & innumeraeis tochas: que o acompanhauão.

Nam se pode facilmente explicar a alegria, &

con-

contentamento de todos a vista de seu Rey natural. Nesta forma entre os repiques dos sinos, som das charamelas, & atambores; estrondo, & relampagos de mosquetaria; musicas de danças, & folias: muitos, & mui repetidos viuas chegou Sua Magestade à praça donde lhe derão salua doze companhias, disparando a artilharia: & arrastando as bandeiras: & dali se recolheu ao Paço.

Aos 24. foi a Vniuersidade, & graduados della, officiaes, & mais priuilegiados, cada hum com suas insignias em forma de prestito com charamellas beijar a mão a Sua Magestade. E chegando às portas do Paço, se sentou Sua Magestade em hũa cadeira, & a todos mostrou muita beneuolencia. Depois de lhe beijarem a mão, tirou Sua Magestade achauê do Santo Christo: & mandou a Dom Pedro de Meneses o desse a ver, & venerar a todos os Padres, & officiaes da Vniuersidade; & apos isso o veneraraõ juntamente os Religiosos, & pessoas, que se acharaõ presentes com muitas lagrimas, & deuacaõ.

Aos trinta de Julho fez Sua Magestade entrada solemne, sem esperar pelos Reys Darnas, dando por razam, que queria, que se anticipasse esta entrada, pera poder ir ao Collegio da Companhia de I E S V S dia de Santo Ignacio seu Patriarcha.

Sahio Sua Magestade do Paço em coche às quatro da tarde pela porta do Rocio: deu volta por fora dos muros até os Carmelitas descalços: onde Sua Magestade se tirou do coche, & subio em hum cauallito: apeandose toda a nobreza, & a pê o foraõ acõpanhando até a porta de Alconchel: onde o Vereador mais velho fez huma prudente pratica, & entregou as chaves a Sua Magestade. E logo se ordenou o triumpho de a forma:

Hiaõ



Hiaõ diante muitas danças, & folias: seguia-se hum lustroso acompanhamento de fidalgos, & muitos senhores Titulares ricamente vestidos. Ultimamente se via Sua Magestade mui ayroso, & pera ver, debaixo de palio de tella abrazada, cujas varas leuauam os Vereadores. Punha Sua Magestade os olhos em todos, com que lhes roubaua os coraçõs. Hia em corpo vestido de pano com mangas bordadas, & bastam na mão: no chapeo sobre hũa pluma branca tinha outra de ouro com rubis, & diamantes. Leuaua a redea o Conde de Penaguiaõ: á roda o acompanhaua a guarda Real.

Assim foy entrando pelas ruas principaes da Cidade, as quaes estauam custosamente armadas. Tudo eram vozes, & sinas de festas: quebrauaõse os sinos com repiques; retubauam os echos dos mosquetes, & estrondos da artelharria, que disparaua: a gente, que concorria, era infinita, os quaes naõ podiaõ ter as lagrimas, & à vista de seu Rey natural se lhe rompiam os coraçõs com jubilos, & os ares com viuas, & aplausos de alegria.

Entres elles estauam todos os Padres da Companhia, atè os de menor idade, ás portas de Sancto Antam, & Sua Magestade lhes fez particular fauor. Assim festejado, & acompanhado chegou Sua Magestade á Sè: á porta o esperauam todos os Conegos com ricas capas de tella, & brocado; o Sancto Lenho trazia Dom Rodrigo de Mello, & pera esta occasiam lhe tirou as vidraças, & Sua Magestade o beijou, & vio muito deuagar: & largando Dom Rodrigo de Mello o Sancto Lenho a outra Dignidade foy dar agoa benta a El Rey. Fez Sua Magestade oraçam ao Sanctissimo, & acabada, foi leuado ao Paço debaixo do palio,

& jun-

& junto à noite se recolheo.

Aos trinta & hum de Julho às oito horas & meia vey o Sua Magestade á Igreja do Collegio festejar com sua Real presença, & Capella real a Sancto Ignacio, cujo era o dia. Ao entrar na Igreja, falou na porta a Sua Magestade hũa figura tragica, que representaua a Vniuersidade; logo das mais tribunas o fizerão outras. El Rey Dom Affonso Henriquez: o Anjo Custodio do Reyno: o Anjo de Sua Magestade: El Rey Dom Ioão o Primeiro: o Condestabel D. Nuno Aluarez Pereira, & as figuras de Portugal, & França: na vltima tribuna estaua outra de Castella, & com as cortinas corridas se fingio hũa batalha, disparandose pistolas, & tocando atambores, & soando clarins.

Neste tempo acodirão àquella tribuna todas as de mais figuras, q̃ tinham falado, & descuberta a cortina appareceo Castella rendida, & prisioneira; & todos pegados nella deitou de si o Escudo chorando sua desventura, Defronte na outra vltima tribuna appareceo a da Victoria, & se abriu hũa nuue com Sancto Ignacio, & S. Francisco Xauier, que do Ceo a prometião a Sua Magestade: decendo despois todas as figuras pera lhe beijarem a mão; a de Dom Nuno Aluarez Pereira leuou a de Castella, & disse: *aqui trago rendida Castella*: Sua Magestade o festejou; & deu sua Real mão a beijar às figuras, mostrandose bem seruido do recebimento do Collegio. Acabada a missa, disse Sua Magestade ao Reytor: *Agradeçouos muyto o que fizestes, & de minha parte o agradecei aos Mestres.*

CAP. XI. Do exercito, q̃ S. Magestade leuanteou, & mādou entrar por Castella, & dos lugares, & villas, que forão tomados.



**M** V Y T O auia que ver no numeroſo exercito, q̄ Sua Mageſtade leuãtou, apraziuelo faziaõ aos olhos adiuizaõ dos terços, a repartição das companhias em fileiras, o luſtre das armas, o tremolar das bandeiras. Com rezãõ Baalam comparou o Iſraelitico a valles a menos, & a boſques junto dagoa, pela ventagẽ, que leuão aos jardins tão celebrados de Lucullo, & ás hortas das Heſperidas, de que tanto caſo fizerão os Poetas.

O ſagrado Croniſta auendo de eſcreuer a fermofura, com que a terra, firmamento, & mais ceos em ſua criação ſahirão das mãos diuinas, explica a pela de hum exercito, por quanto onde a vulgata diz: *Perfecti ſunt Cæli, & terra, & omnis ornatus eorum.* Lê o Hebreo (*Exercitus.*) Iã ſe nos applicarmos ao ſom dos clarins, trombetas, piſanos, & atambores, ſem duuida nos parecerã muſica bem acordada, por quanto os q̄ Moyſes ouuia, que os Iſraelitas dauão ao Idolo, que fundiraõ. *Vocem cantantium ego audio,* ao valeroſo Iofue ſe representauão eſtrondo de guerra: *Vlulatus pugna auditur in caſtris.*

Ea fermofa viſta, & armonia do exercito Luſitano, gozaraõ os que ſe acharaõ na campanha, pera onde da Cidade de Eluas, Villa Viçoſa, Eſtremoz, Campo mayor, Oliuença, ſe ajuntaraõ as tropas, & infantaria, que pera eſte effeito eſtauão dantes repartidas com todos os mais apreſtos neceſſarios a hum tam grande exercito; & nós de muy boa vontade nos detiuermos na deſcripção das miudezas de todo elle, ſe a breuidade, que leuamos, o ſofrera. Porque bem cremos ſe recreara o leytor igualmente de as ler, do que Alexandre ſe alegraua cõ ouir as façanhas de Achilles

Ies, o qual escolheo antes a narração dellas, do que a vista da viola de Paris, que em Troya se guardava.

Com tudo não poderemos deixar de referir oque muytas pessoas graues de grande credito, & larga experiencia em materia de milicia affirmaraõ, que nunca já mais se vira poder taõ cabal de hũa só nação junta, nẽ gente tam luzida, & exercitada, como a do nosso exercito, ( muitos delle militarãõ já em Flandes, Brasil, & India largos annos ) Foi orçado em mais de quarenta mil soldados, cujo esforço com o fauor Divino, nos promete affinaladas victorias.

Porem, antes que por mayor as relatemos, he bem, que insinuemos, como parece, que o vaticinio que se descobrio no Algarue, de que tratamos no capitulo trinta, e cinco da primeira parte, falou da entrada, que este exercito fez no principio de Setembro por as terras vizinhas a Badajoz; & das que os mais Fronteiros mōres fizeraõ por outras partes de Castella.

Por quanto o vaticinio diz assim. *Apropinquabit letitia Lusitanorum, September autem videbit ingressus.* Quer dizer. A alegria dos Portuguezes chegará perto, & Setembro verá suas entradas. Do que temos escrito bem se verifica ser a Magestade Del Rey Dom IOAM nosso Senhor a alegria, & contentamento dos vassallos Portuguezes: & na sabida que fez de Lisboa pera Euora, chegar se perto das fronteiras, & o mes de Setembro ver suas entradas, pois no principio delle passou seu poderoso exercito o Guadiana, & entrou por Castella; como fizeraõ os mais fronteiros.

Neste lugar vem caindo na pena huns versos, que



já em tempo da Sereníssima Senhora Dona Catharina andauão pelas mãos de fidalgos criados de sua Casa, & agora me certificaõ pessoas de credito, que os viraõ escritos já ha bons annos em hum liuro de hum Religioso pio, & curioso morador na Cidade de Braga, os quaes nestes tempos se vem bem compridos, dizem assim.

- El año de quarenta — Castilla se lamenta.*  
*El de quarenta, y uno — En Portugal Castellano ninguno,*  
*El de quarenta, y dos — Castilla, vete con Dios.*  
*El de quarenta, y tres — En Castilla Rey Portuguez.*

Marchando pois o nosso exercito a primeira villa que inuestio, foi Valuerde por ser mui vizinha a Oliuença, gouernaua esta praça Ioaõ Baptista Pinharole, o qual a defendeo cinco dias com mil & quinhentos soldados escolhidos, que a presidiauão, no fim delles se renderão pedindo quartel com varias condiçoens, as quaes a respeito de nosso poder parecerão liberaes, & se concederão pela razão geral de a inimigos ponte de prata.

No cargo de General do nosso exercito, que até a tomada de Valuerde teue o Conde de Obidos, proueo Sua Magestade a Mathias de Albuquerque Coelho, cujo valor, gouerno, & aceitação lhe tem dado geralmente o nome do senhor Mathias, como em outros tempos o alcançou o valeroso Antonio de Leina.

A segunda villa Castellhana, que se rendeo ao exercito Portuguez, foy Albofeira, tras ella seguirão  
 a mes-

a mesma forte Almendral; Torre, Alconchel, Figueira de Vargas, Cheles, Villa noua del Fresno, & Payomogo, afora varios lugares piquenos, as mais destas villas estauão bem prouidas de caualaria, & infantaria, ainda que alguns castellos, por rezão do sitio, erão quasi inexpugnaeis, cõtudo foy força renderem as armas ao poder do Inuictissimo Rey Dom IOAM nosso Senhor; as particularidades, que nestas entregas ouue, pedem larga historia, depois de bem apuradas informaçõens.

*C A P. XII. Como o Conde de Castelmelhor  
entrou em Galliza, tomou Saluaterra,  
& a fortificou.*



O capitulo nono mostramos, como Sua Magestade sahio de Lisboa com o Pêdão Real desenrolado contra Castella, conforme o de Bandarra: & mandàra aos Fronteiros môres, que por todas as partes no mesmo tempo aruorassem suas gloriosas bandeiras, & entrassem pelas terras Castelhanas, dandolhe bem a sentir o esforço, & rigor do braço Lusitano. Neste capitulo sòmente trataremos dos marauilhosos successos da segunda entrada, que o Conde de Castelmelhor Ioão Rodriguez de Vasconcellos, & Souza, Alcayde môr, & Comendador de Pombal, fez em Galliza, & como tomou, & fortificou a Saluaterra.

No principio deste veraõ de 1643. fez assalto o Conde de Castelmelhor com grande valor, & gouerno em Saluaterra, da qual em breues horas gloriosamente se vio senhor: meteo a sacco, & foy de importancia; assim por esta Villa ser escala pera Portugal;

como



como por os moradores se não temerem de tam valerosa facção. Não foi por então possiuel ao Conde fazerse forte com a presa, porem seruiolhe esta primeira tomada pera ensaio, & preuenção do que necessita ua a conferuação desta praça.

Ioão Gomez da Sylua Governador da justiça, & armas da Cidade do Porto por carta do Conde teue parte de seus designios em comprimento das ordens de Sua Magestade, pera cuja execução se sahio logo do Porto com muita gente, assi da Nobreza, como do Pouo, até Villa de Conde, pera della marchar, & acudir ao que conduzisse ao seruiço de Sua Magestade, de que auizou ao Conde, & porque lhe respondeo, que se não abalasse, por não ser necessario, não passou a diante.

Porem o brio, & valor de trinta mancebos dos mais nobres, & fidalgos da Cidade do Porto não soffrendo voltar do caminho pera o regalo de sua Patria, & casa, em tempo, que Sua Magestade sahia da sua, & a Nobreza do Reyno estaua em campo com as armas nas mãos, lhe pedirão licença pera passar à fronteira, a qual o Governador lhe concedeo louuando os, como tam honrado intento merecia.

Em hum sabbado, em que cahio a festa de nossa Senhora da Assumpção do anno de 1643. dia felicissimo pera Portugal: por ser sabbado, no qual se celebrou a aclamação Del Rey nosso Senhor D. IO A M Quarto, como já ponderamos no capitulo terceiro da segunda parte: & tambem ditoso, por quanto em vespera da Assumpção da Virgem Mãy de Deos alcançou El Rey Dom Ioão Primeiro a gloriosa victoria de Aljubarrota.

D Despois

Depois de confessado o exercito por Religioso da Companhia, & de São Bento, & muitos clerigos que pera isso concorrerão, mandou o Conde General da prouincia do Minho marchar a seis mil homens que tinha juntos em nossa Senhora dos Milagres, junto a Monção, nos quaes entravaõ quasi todos os fidalgos, & nobres daquella prouincia, & algũa gente de ordenança, soldados volantes, & mil, & cento pagos: às duas horas depois da meia noite se caminhou pera Alapella, aonde começaraõ a se embarcar, pelas oito do dia, tanto a pressa, que muitos cahiaõ na agoa com a pressa; como se fossem tomar posse de grandes commendas.

Caso marauilhofo! Aos barcos perto da terra inimiga, estauão seus moradores esperando com os arcabuzes no rosto, & disparando todos sobre os nossos, não lhe fizeraõ damno algum, nem lhe causarão terror, pera deixarem de saltar em terra. Nos primeiros barcos passarão algũs soldados pagos, & volantes, os quaes fazendo retirar aos inimigos, com o favor da artilharia de Alapella, que o Conde mandara disparar; franquearão aos mais a passagem do rio. Neste primeiro assalto lhe matamos doze homens, & dous cauallos: & lhe tomamos sete, com perda de hum soldado nosso, & doze feridos.

Logo se seguiu a nossa cauallaria, que governaua Diogo de Mello Pereira, & foi liure a campanha até passar o resto do exercito com o General. A este tempo apparecerão à nossa vista em hum lugar alto tres tropas de cauallo de trezentos homens, a que não cometemos logo, pela grande desigualdade, que auia, & esperando o corpo do exercito, que vinha atras, resoluemonos em sustentar o posto até chegar o nosso poder,



poder, o qual como foi visto pelo inimigo, não quiz cometermos, nem aguardarnos; & assim se retirou fogindo, & deixou o passo franco até Saluaterra.

Repartio-se o nosso exercito em dous batalhoes de quatorze soldados em cada fileira, & assim fomos batendo o campo até chegarmos a tiro do inimigo, que estava nas trincheiras de Saluaterra; sobre a entrada dellas ouue huma trauada peleija, que durou alguns horas, até que entrarão os nossos, levando na primeira furia quanto se lhes punha diante a ferro, & fogo.

Restaua conquistar os Paços, aonde o Capitam Mór Dom Francisco Piconha Castelhana, o qual chegado de Madrid auia pouco que tomara posse delle, se tinha recolhido com cento, & oitenta dos mais nobres, & veteranos soldados, onde se fizeraõ fortes, & resistiraõ largo tempo, dando muitas cargas nos nossos.

Nesta entrada, com admiraveis mostras de valor, deixou a vida à força de huma balla inimiga o animoso Mestre de Campo Stacio Violi de Athi, illustre, & valeroso Frances; o qual nas empresas dizia sempre aos soldados [ Vinde ] como outro Iulio Cesar: & tomalo a morte na entrada, foi pera com ella nos comprar a victoria: bem como o famoso Moniz com a perda da vida ganhou a entrada de Lisboa aos Lusitanos, que a conquistauão.

Auia já tempo que este generoso Mestre de Campo reformára sua casa: & quando se embarcou meteo na mão ao Conde General hum papel fechado;

& perguntado. que papel era? Respondeo. *Senhor, he o meu testamento.* Tornou o Conde. *Vossa Senhoria, persuadesse auer de morrer nesta empresa? Milhor o fará Deos: Será,* respondeo, *o que elle for seruido,*

Em seu testamento ordenou, que se Deos o leual se nesta batalha fosse seu corpo sepultado na Sè de Braga, onde fora muito amado, & aceito de todos, no lugar, que aos Reuerendos Conegos pareceffe: A seu filho deixou em benção, seruisse á Magestade Del Rey Dom I O A M nosso Senhor, militando debaixo de seu Real Estandarte. Ao Conde pediu quizeffe ser seu testamenteiro, & lhe deixou hum caualo regalado, q̄ tinha de preço.

Muitos soldados nesta occasião representarão ao generoso Mestre de Campo, que não intentasse entrar no Castello, por quanto logo o matarião; elle com a espada nua em hũa mão, & o chapeo em outra não deu pelo que lhe requeriaõ: & cometeo o passo, em cuja entrada o tomou a balla. O Conde Governador queria entrar da mesma sorte: porem não o deixarão os soldados; & a hum natural de Ponte de Lima, que mais apertaua com elle, que não descaualgasse, pegandolhe de hũa perna, passou hũa balla por entre o Conde, & elle, & lhe leuou huma hombreira da rou-peta.

Com esta morte cresceo a colera aos Portuguezes: & logo com nouo impeto, & brio apertarão tanto cõ os cercados, q̄ o Capitão mór, q̄ dantes grandemẽte brafonara, decto á porta do pateo, & dando a mão ao Capitão Antonio Queirós Mascarenhas, pediu quartel o qual se lhe cõcedeo, foi logo preso, & com elle 68. pessoas, dosquaes os 8. eraõ nobres, os demais erãõ piaês de pouco porte; a estes largou o Cõde dahi a 3. dias



outros não podendo aturar a vista dos Portuguezes se precipitarão por janelas, & portas altas, quebrando pernas, & braços, & cõ gritos, & brados lastimosos cho-  
rauão sua desfuentura.

Proueo logo o Conde o cargo de Mestre de campo no fidalgo Diogo de Mello Pereira caualeiro do habito de S. Ioaõ: & Sua Magestade o ouue assim por bem, e lhe fez merce de lho confirmar; & a Lopo Pereira seu irmão de Governador desta praça,

Começarão logo os nossos soldados a derribar os edificios, & por fogo por todas as casas. Entrarão depois no Conuento de Santo Antonio, correrão a Igreja, & dormitorios, & não acharão pessoa algũa; & nos forros derão com grande quantidade de dinheiro, & peças de prata, & ouro.

Logo na noite seguinte depois desta victoria, cuidando os inimigos, que os nossos estariam cansados, & desapercebidos pera pelejar, vierão em grande copia de gente de caualo tangendo hum clarim, & cometterão os nossos com grande impeto. No meyo do escuro da noite se armou hũa trauada peleija, em q se não conhecião, & durou hũa larga hora. Disparamos lhe quatro cargas com tanta destreza, & acordo, que vendo os Castelhanos nossa forza, & vigilancia, fogirão todos, mostrando os valerosos Portuguezes, q ate ás escuras vencião.

Depois disto se começou a fortificação de pedra & cal com muro, & caua: & fezse hum circuito muy amplo, & capaz, Nesta trincheira se fizerão tres baluartes; & seruirão de Castello as casas do Conde de Saluaterra, obra inexpugnael. E pera seruintia de Portugal mandou o Conde fazer no Minho hũa ponte cõ barcas, barrotes, & arpeos, que fosse leuadiça, &

*Restauração de Portugal Prodigiôsa.*  
 & facilmente se podesse concertar, & desmanchar, &  
 nella poz guardas.

Os campos se abrafarão à roda em mais de duas  
 legoas de planicie, pera que tudo ficasse patente, em  
 que ouue grande perda em quintas, vinhas, & aruo-  
 res de fructo, & casas. O inimigo depois de alguns  
 dias, começaua fazer sua fortificação á vista da nossa  
 em hũ môte alto; porẽ os nossos soldados pagos a in-  
 uistirão, & polerão em fôgida aos q a defendião com  
 morte de muitos, & do Cabo, q os governaua.

Em a terça feira de seito de Agosto de ceo o inimi-  
 go com tres companhias, & duzentos caualos, tocan-  
 do clarins; sahiraõlhe duas das nossas, começarão a pe-  
 lejar: das seis horas de pela manhã, atè as tres da  
 tarde. Venceraõ os nossos: & o inimigo se retirou cõ  
 perda de quatorze infantes, & hum Capitaõ de caua-  
 nhalos: & da nossa parte morrerãõ sómente dous, & fi-  
 cou hum ferido.

*C AP. XIII. De outros successos de Saluater-  
 ra, Villa noua, & da marauilhosa Cruz,  
 que appareceo no Ceo.*



A M tantas as matauilhas, que nosso Se-  
 nhor he seruido obrar nos combates,  
 que os Portugueses tem com os Caste-  
 lhanos, & Gallegos nas fronteiras do Mi-  
 nho, que pera naõ cansarmos aos que as  
 lerem, nos pareceo conueniente continualas em ou-  
 tro capitulo.

Aos 29. de Agosto chegou carta ao Conde de Sua  
 Magestade, em q lhe agradecia, & ordenaua agradeceffe  
 aos soldados, & pouos de sua parte, o q tinhaõ obrado



na tomada da praça: juntamête-lha mandaua fortificar & presidar. Tambem lhe daua a alegre noua do nascimento do Serenissimo Infante, a qual o Conde festejou logo á noite com salua de toda a infantaria, & outros artificios de fogo, respondendo Monção com outra semelhante, & repiques de sinos. Os Gallegos imaginarão; que os nossos desemparauão a praça, & se retirauão a Portugal. Vieraõ pela manhaam tres tropas de caualo: porém achando os nossos em excelente ordem pera a defender, fizeraõ alto, donde os enxotaraõ logo os nossos mosqueteiros.

Aos dous de Setembro teue auizo o Conde, que algũa gente inimiga passara a ponte de Filaboa, mandou duas companhias a reconhecer: forão, & naõ achando, q a espia tinha dito, se foraõ chegando à sua fortificação: de sorte, que irritado com isso o inimigo, sahio em numero de quinhentos de caualo, & quatrocentos de pé: os nossos vendose tam desiguaes no numero, com boa ordem, & passo lento se retirarão a hūs v. lidos, onde se peleijou de parte a parte perfiada mête. Neste comenos a Condessa, q como hũa Pallas, ajuda grandemête ao Cõde no gouerno das armas, assistia às peças, q da parte de Portugal estauão allestadas em dous reductos, as mandou disparar com tam bom successo, que hũa bálle deu no meyo da caualaria inimiga, a qual atemorizada lançou a fogir à redea solta, & traz ella a infantaria dandolhe a nosa nas costas atè os retirar ás suas trincheiras, as quaes os nossos naõ inuistirão, por naõ excederem a ordem do Conde. Nesta refrega sòs dous nossos ficarão feridos: dos inimigos se acharão mortos quatro, afora outros que logo forão retirados, cujos caualos se virão fogir sem caualeiros,

Aos vinte & dous de Setembro veyo o inimigo cõ dez mil homens, & por varias partes deu assalto a Saluaterra desde a meya noite, até pela manhã: & fin-tindo bem o esforço, com que os nossos lhe resistião; & o grande dano, & mortes, que tinhão recebido, de-rão grande bateria a Monção, Coftos, & Gamfem; & entre o estrondo da artelharria em quarêta, & oito barcos passarão o Rio dous mil, & quinhentos homens soldados escolhidos, contra Villa noua da Serueira. Nesta conjunção se vio claramente o esforço Lusitano: & ainda das mulheres, por quanto vindo os inimigos taõ apercebidos com armas, & escadas, & o mais ne-cessario pera tomarem, & sustentarem a praça; & to-mando aos nossos de subito, sendo somente quarenta lhe matarão duzentos, além de muitos, que com a pressa de fogirem se afogarão.

De forte que saltarão ao inimigo desta facção quinhentos homens com os catiuos, que ficaraõ em Portugal. Muito era pera ver o campo Lusitano semeado todo de armas, & despojos Castelhanos. No Rio se forão ao fundo dous barcos carregados de gente inimiga: os de mais se recolheraõ corridos, & magoados de tam roim successo, se bem não de todo descontentes com salvar as vidas.

Resplandecem nesta admiravel victoria tam extraordinarias maravilhas, & merces do Ceo, que mal se poderà negar serem claras prèdas delle pelear por los Portugueses. As circunstancias, & particularidades do successo não cabem em tam abreviado estylo; fique embora à conta dos reaes Cronistas, pera que mais miuda, & dignamente as escreuão.

Em hũa quarta feira quatro de Nouembro deste presente anno de mil, & seiscentos, quarenta & tres,

mandou



mandou o Conde General sahir a Diogo de Mello Pereira Mestre de campo com oitocentos infantes, & alguns caualeiros, os quaes repartidos em tres batalhões marcharão legoa & meya pela terra do inimigo sã resistencia algũa, até que auistarão a hũ reducto tamhẽ fornido, & presidado de gente de guerra, q̃ lhe assistia hũ Mestre de câpo cõ o milhor de seu Terço.

Como os do reducto virão, q̃ os nossos se chegaram, deraõ logo hũa carga, porẽm sem effeito por ser muyto anticipada; na segunda nos feriraõ sómente a hum Sargento. Os nossos se arremessaraõ ás trincheiras com o valor Portuguez sem tratar de dar carga, & as entrarão gloriosamente, onde catitaraõ a dous Capitães, & dous Alferes com muitos soldados.

Na retirada ajuntarão os Castelhanos todo seu poder pela muita detença, que os Portugueses fizeram em saquear, & queimar duas legoas de terra, & vierão buscar os nossos, os quaes lhe resistirão bizarramente fazendolhe muitas vezes alto com tanto fôlego, & boa ordem, que foi pera elles motiuo de transordinario error sobre tudo o mais.

Em todo o successo deste dia alegrissimo pera os nossos, não ouue dispêdio de vidas Portuguesas mais que a de hum soldado a troco de muitas Castelhanas, reconhecendo os vencedores, & os vencidos ser a gloria de tantas victorias do Omnipotente Senhor dos exercitos, que he seruido fauorecer aos de Portugal.

No capitulo 10. da segunda parte tratamos largamente do sinal: q̃ foi visto na Lua, com o qual nos prometemos felices successos da guerra, q̃ no anno de 1641. se principiaua, & claramẽte nos seguintes os experimẽtamos por merce do Omnipotente Senhor dos exercitos. Agora de nouo foi seruido de apparecer no

Ceo hũa admiravel Cruz, com cuja clara vista podemos presumir nos quiz declarar, como a gloria de tão maravilhosas vistas era sua, por virtude do glorioso, & divino Estandarte, sinal de nossa Redempção. O Licenciado Ioão Rodriguez da Fonseca Iuiz de fora de Monção, & Saluaterra, Ouuidor da gente de guerra, & outras pessoas nobres, & graues de Monção nos affirmaraõ com juramento succeder esta celestial demonstração na forma seguinte.

Estando o Ceo muy claro, & azul, se vio notoriamente por muytas pessoas, q̄ estauão no campo, onde se fazem as feiras da Villa de Monção, vir da parte de Galliza pera nós hũa Cruz aspada, como a de S. Andre branca com grande igualdade, & assim como vinha sobindo, se hia pondo direita, até q̄ a vimos estar sobre este Reyno, ficando parada com grande resplandor, q̄ sahia dos cantos; & estando assim fermosa, & resplandecente, toda a gente, q̄ a vio, tirando os chapeos a adorarão, & reconhecerão: estaria parada à vista de todos por espaço de tres credos; acabados elles se desfez, deixando em seu lugar hũa nuue bẽ grande, & clara.

*C A P. XIV. De como Dom Ioão de Sousa General das armas de Tras os mōtes entrou por Castella, & do q̄ nella fez.*



HE GOV auizo a Dom Ioão de Sousa Alcaide mór de Tomar Governador das armas de Tras os montes, como Sua Magestade, leuando o pendaõ Real, mandaua marchar contra Castella, com ordem juntamēte sua, pera os Frõteiros mores por todas as partes



partes fazerem o mesmo. Cõ ella se partio o Governador D. Ioão pera a Cidade de Bragã<sup>ca</sup>; dispõdo fazer logo entrada em Castella pela parte da Puebla de Ciabra.

Em hum Domingo noue de Agosto deste anno de 1643. mandou ajuntar todas as companhias, que na Cidade, & seu termo auia. Expozse o **SANCTISSIMO SACRAMENTO** no Collegio da Companhia de **IESVS**. Confessarãose, & comũgarão muitos soldados, & feita oração ao Senhor, marcharão as companhias pera fora da Cidade a Valdaluarõ, onde ordenou, que o seguissem, sem a ninguem dar conta de seus intentos: & caminharão atè Aueleda duas horas de noite, onde os soldados descansarão hum pouco. Aqui se proueraõ de poluora, murraõ, & ballas. Depois de descansar por espaço de duas horas, continuaram o caminho: hia diante a caualaria com noue batedores, por causa das altas matas, & vrzedas, em que podia auer algũa cilada; & nesta forma forão quatro legoas em grande silencio.

Ao romper da alua chegaraõ a hum alto à vista do inimigo: logo se deu final de guerra. E deixadas neste lugar duas companhias da Ordenança, marcharão as mais, atè arroftarem com o reducto, do qual tomou logo posse a nossa caualaria; & vendo que os inimigos lhe hião fogindo: lhe foram no alcance, atè hũa trincheira. Pozse fogo ao reducto, que era de madeira, & torraõ, em quanto ardia caminharão com grande diligencia, & acordo pera se apossarem de outro reducto posto em hum alto.

Pera este effeito ficou a caualaria em o valle, pera impedir, q̃ naõ viesse soccorro aos inimigos. A infantaria cometeo as trincheiras, por hũa parte forão os Capitães

Francisco de Moraes, Antonio de Almeida, e o Capitão Pacheco cheuendo sobre ellas as ballas dos inimigos, & caindo aos pés dos nossos, sem lhe fazerem damno algũ. Chegaraõ; & com grande esforço entraraõ atrincheira o Capitão Francisco de Moraes, & sete mais dos seus; & o Capitão Almeida, & Pacheco hião continuamente atirando. Foi grande merce de Deos não matarem com as ballas muitos dos nossos, os quaes andauão já ás cutiladas com os inimigos.

O Capitão mór Saluador de Mello da Sylua pela outra parte cometeo, & entrou a trincheira, & atirou ás cutiladas, & lançadas foi obrigado o inimigo a se recolher na Igreja, junto da qual estaua feito o reduto. Pôz os hombros á porta Francisco de Moraes, dizendo, que se entregassem, senão q os auia de queimar. E logo o Capitão Castelhano, aberta hũa das portas, entregou a espada, & adaga, & todos os mais se renderaõ apartado das vidas.

No conflicto morrerãõ dos Castelhanos quarenta, & dez, ou doze ficarão feridos; catiuos 180. O despojo foi dos soldados. A Igreja ficou intacta: poz-se fogo ao lugar todo, & ao mais, que os soldados não puderaõ trazer consigo. Muita merce foi o Senhor feruido fazer aos Portuguezes neste dia, pois, se bem cansados de caminhar toda a noite, ás oito da manhã já a vitoria era sua com morte de hum nosso, & dous feridos. Logo com gentil ordem voltaram, & se recolheram à Velada, onde jantaram, & descansaram; & dahi se tornaram pera a Cidade de Bragança, aonde foram recebidos com mostras de grande aplauso, & alegria.

Outra entrada fez por Galiza o Governador Dom Ioam de Sousa com três mil infantes, & duzentos cavallos



nalos pela parte, que confina com a Villa de Monforte, queimando, & metendo a sacco trinta & sete lugares, a que nunca tinhão chegado as armas Portuguezas: o mesmo fez a cinco, que, auia dous annos, foram abraçados pelo Governador Ruy de Figueiredo de Alarcão: a presa, afora outros de spojos, constou de noue mil cabeças de gado, a saber, trezêtos caualos, egotas, & mulas, tres mil cabeças de gado vacum, & o de mais ouelhas, & cabras: sem apparecer homem algum com que não teue lugar a nossa gente de puxar de espada, ou disparar arcabuz; só deraõ com hum Abba-de, que disse estar toda a gente daquella terra no Minho. Em todas estas empresas se achou com notauel valor Dom Manoel de Sousa filho do Governador.

Afrontados os Castelhanos com esta entrada, & dano, sabendo, que a nossa gente era despedida pera suas casas, & a pouca, que ficaua na praça de Chaues, conuocarão cinco mil infantes, & seiscentos caualos & com duas meias columbrinas chegarão hum quarto de legoa de Chaues, pondo fogo no caminho a cinco lugares, a tres delles já em outra occasião tinhão dado fogo. Porem em Rio seco se vnio a gente da terra; & dandolhe hũa carga com estremado successo, lhe matarão trinta & sete homens, & segundando com outra, lhe causarão grande damno, em que os mortos chegarão a numero de cincoenta, sem dos nossos morrer algum.

Vendo o Governador, que o inimigo se chegaua, mandou sair a caualaria. O Tenente Manoel Machado de Azenedo se adiantou com a sua companhia que constaua de pouco mais de quarenta homens, & inuestio a caualaria inimiga com tanto valor, que os rompeo, matandolhe mais de cincoenta homens; onde

tre os quaes morrerão o Governador da cavalaria, dos  
us Tenentes, & outras pessoas de importancia. Dos  
nossos morrerão quatro cavaleiros, os quaes, cansan-  
dolhe os cavalos, se apearam: & puxando das espadas  
fizerão brauo estrago no inimigo, sem se quererem  
render a quartel, que se lhe offerencia.

O Tenente, não lhe sofrendo o animo ficarem al-  
guns outros soldados seus, entre os inimigos, entrou  
valerosamente com a espada na mão, matando, & fe-  
rindo a hũa, & outra parte, com que com estranho suc-  
cesso se pode recolher com os seus.

Aos oito de Outubro sahio de Bragança o Go-  
uernador das armas Dom Ioão de Sousa a companha-  
do de cento, & sessenta cavaleiros, & bom numero  
de infantaria, & mandou marchar sem se saber de cer-  
to o termo, que demandava, & pera que o inimigo  
nam tiuesse nem vista dos nossos, entrou por Castel-  
la de noite, com tudo quando ao amanhecer deraõ so-  
bre Rio de Maçans, hum dos milhores lugares daquel-  
la arraya, já o inimigo pela meya noite começara a  
despejar o melhor, ficando alguns cavaleiros, &  
gente, os quaes tendo vista da nossa, se sahiram a  
muyta pressa, dando lugar aos novos hospedes, el-  
les lhe pagaram a hospedagem com fogo, que o Ge-  
neral mandou por ás calas, & com faco, que deram  
a quanto os moradores deixaraõ.

Deste lugar se passaraõ os nossos a outro vizi-  
nho, com cujo despojo de alfayas, & gado em quan-  
tidade consideravel, se voltaão alegres, & conten-  
tes á Cidade.

Aos quinze de Novembro do presente anno de  
1643. conuocou o General D. Ioão de Sousa a gente  
de armas da sua prouincia de Tras os montes às pra-  
ças



ças principaes com voz, que os inimigos vinhaõ sobre ellas: como foy junta, a mandou repartir em tres esquadroens, & entrar em Castella por tres partes, a saber Bragança, Chaues, & Monforte.

Os primeiros, que entraraõ pelas terras inimigas, forão os que as cometerão por Mõforte; foi Deos nosso Senhor servido de lhes dar muy bom successo, faquearão, & queimarão a seis lugares sem perda de algum soldado nosso; todos voltaraõ carregados de despojos, de honra, & riqueza pera suas casas. Dom Manoel de Sousa filho do General capitaneou aos nossos, que sahiraõ de Chaues, com muy gloriosa vètura, por que entrando a varios lugares de Castella, depois de lhe darem sacõ, os abrasaraõ.

Aos 17. do mesmo mes sahio de Bragança o General com 17. companhias entre volantes, & da Ordenança, logo se ajuntaraõ mais outras, que inteiraraõ hũ lustroso exercito. Começarão a marchar em muy boa ordem, & cõ tanta alegria, & prazer de todos, q bem pronosticava as singulares victorias, que os esperavaõ. No mesmo dia auistaraõ a praça de Lobião, sobre que hiaõ, passarão a noite alojados em hũa eminencia, donde se descobria a campanha.

Lobião he o melhor lugar de toda aquella arraya Castelhana, assaz defensavel por sitio natural, & arte: tinha tres ordens de trincheiras, a fora cauas, & outras industrias militares. Presidiauaõ no cinco companhias, as quaes sahiraõ a campo a esperar as nossas, cõ q pelejaraõ neste dia cõ tal brio, & valer, q à primeira vista pareciaõ todos Portugueses; porẽ logo os nossos se estremaraõ, & aventajaraõ tanto, que os fizeram recolher às trincheiras, & largallas com vergonhosa fogida; metese a sacõ o lugar, & pozselhe o fogo cõ

tam espantoso incendio, & fumaça, que de muito longe se deixaua bem ver. Na volta, que os nossos fizeraõ leuarão a cinco lugares pela sorte do mal afortunado Lobião.

*C A P. XV. De como Dom Aluaro de Abranches General da Beira entrou por Castella, & do que nella obrou*

**D**A Prouincia da Beira tiuemos muito menos informações, das que chegarão nos consta, entrar por Castella Dom Aluaro de Abranches Governador das armas, & tomar alguns lugares pequenos, hum dos de maior importancia foi Pedras aluas: despois se passou a Albergaria, & queimando a Villa, combateo o Castello com damno, & morte de muitos, que o defendião, porém não se rendeo por então,

Ordenou Sua Magestade se passasse a Alentejo com hum terço de luzidos, & escolhidos soldados: & em seu lugar proueo a Dom Sancho Manoel muy aceito dos Portugueses naquellas partes, & temido dos Castelhanos, entrando na Cidade da Guarda mandou soltar tres, dizendolhe. *Ide, dizei aos Castelhanos, que ainda he viuo Dom Sancho Manoel.*

*C A P. XVI. De varios infortunios de Castella concernentes a estes tempos.*

**D**ETIVEMONOS nestes capitulos nos successos da guerra, pelo que Bandarra delles vaticinou, porem tornandonos ao nosso argumento. Forão tantos os successos



fos, além dos que já relatamos na primeira, & segunda parte, com que a divina Prouidencia sabio a luz nestes felices tempos, assim em Castella, como em Portugal, que muitas pessoas sabedoras delles nos arguirão de os passarmos em silencio: pelo que pera satisfazermos em parte a seus desejos, tocaremos alguns começando pelas desgraças Castelhanas,

Muitos prodigios ouue pera a Monarchia dos Reys Catholicos poder conhecer os males, q̃ a esperauão. Estando El Rey D. Phelippe Terceiro na famosa Cidade de Lisboa no verão de 619. succedeo ir na galé real a Sacãem, & recolhendo se à tarde em tempo, q̃ a marè vazaua, veio a galè por esse respeito despedida com muita furia; o Patraõ, quasi de fronte do terreiro do Paço, a emproou pera vir ao Forte: porẽ como hia cõ grande impeto, não pode de todo liurar se das proas dos nauios, & assim veio dar na de hũ Francez, dos q̃ estauão surtos mais perto a terra, & tocou cõ a popa de modo, q̃ ficou debaixo da proa do nauio Francez, o qual com a força, com q̃ a galè hia, lhe quebrou a haste do Estandarte Real com as armas de Castella, & o deitou abaixo; o que tambem fez aos foroes, & a todo o ornato da popa real da galé, que era muy sumptuosa.

E não deixou de causar grande admiração este infortunio; por quanto o mesmo ouuimos contar a contecera ao Serenissimo Rey Dom Sebastião na sua galé pouco tempo antes de passar a Africa.

Gyl Gonçaluez de Auila varão douto, & grande humanista, Chronista Del Rey de Castella, observador diligente das antiguidades, & vaticinios, que descobrio pera sua composição, por vezes disse, que a Monarchia Castelhana se acabaua, trazendo pe-

66 *Restauração de Portugal Prodigiousa*  
ra esta ruina muitas antiguidades, & conjeituras.

Este mesmo Chronista real contaua com grande pena, & dor sua, que sendo ElRey Catholico D<sup>o</sup> Phelippe Quarto de poucos annos, lhe encarregara fizesse hũa liuraria de historia, & humanidade, a qual feita; o primeiro liuro, que della ElRey mandara pedir pera ler, fora a Chronica DelRey Dom Rodrigo, & historia da perdição de Espanha. Forão com pressa pedir este liuro ao Mestre Gyl Gonçaluez da parte DelRey; porèm como o Doutor costumaua obseruar semelhantes presagios, doeu-se muito, de que fosse este o primeiro liuro, que ElRey lhe pedisse pera ler da sua liuraria; & pera o atalhar deu por resposta, que o não achaua: & não bastando esta escusa, porque ElRey se agastaua muito, leuou o Mestre Gyl Gonçaluez o liuro a ElRey, em sua presença o abriu, & a primeira cousa, com que deu, & leo, foy a perdição de Espanha; & affombrada a Magestade Catholica com esta lição, & carregada com tristeza largara logo o liuro.

Tambem não foi pequeno prodigio, o que aconteceu em Madrid junto a Palacio na caualaria real no anno de 1635. á qual se ateou o fogo hũa noite com tam extraordinaria furia, que sem se poder atalhar, ardeu toda com quarenta caualos, que nella estauão do seruiço da pessoa Real.

Portentoso foy este caso das calamidades, & perdas de Castella. Na Chronica DelRey Dom Ioão o Primeiro de boa memoria se conta, que estando este Inuictissimo Rey pera dar batalha no lugar de Aljubarrota, se leuantara hum veado do exercito inimigo, & viera a cahir morto na nossa tenda Real. Teue ElRey o successo, & os que presentes forão por bom  
pro



pronostico da gloriosa victoria, que logo marauilhosamente alcançarão do grande exercito Del Rey de Castella. E se os caualos pombos, que vio Anchises, pastar nos campos de Italia o persuadirão, q̄ lhe pronosticauão felicidades de paz.

*Quatuor hic, primum om̄en, equos in gramine vidi* Virg.  
*Tondentes capum laté candore niuali,* Æn. 3.  
*Spes est pacis, ait.*

Quarenta caualos mortos abrazados, & consumidos em fogo; pelo contrario, que não pronosticarião a Castella? E ainda que pronosticos de acontecimentos futuros casuaes, ou dependentes da liberdade, se são prohibidos, como dissemos no Prologo, com tudo não o he darlhe algũa probabilidade conjectural, & faluel. Nem se pode negar tomar Deos nosso Senhor muitas vezes alguns successos; pera nos manifestar casos futuros; como se deixa bem ver em Ionathas, o qual teue por final da victoria, q̄ ganhou aos Philisteos, o ser conuidado delles pera a batalha: o q̄ fez o valeroso Capitão, conforme a Abulense, por illustração diuina. *Tradidit eos Dominus in manibus nostris, hoc erit nobis signum.* Bem como o final de Eliezer mordomo da casa de Abraham, significou qual das donzellas de Mesopotamia auia de ser a esposa de Isac

1. Reg.  
14.

Genes.  
24.

Pelo que piamente podemos conjecturar ordenar a diuina Magestade estes infortunios de Castella, pera significar seus soberanos intentos da emmenda, & melhora de costumes, que della pretendia.

A estes prodigios se pode ajuntar o espantoso incendio do Retiro de Madrid, sem se aueriguar donde procedia, nem se sentir, senão despois, q̄ mal se pode

impedir. Pessoas graues, & dignas de fé julgarão, & escreuerão cahira do Ceo este fogo do Retiro: por quanto se não pode presumir vir de outra parte, por se não achar indicio algum.

É hum mes antes de se atear o fogo, hum Religioso de virtuosa vida, estando denoite em oração, vio no Ceo hum Crucifixo despedindo fogo das chagas, & queixandose ao Senhor, por vir tam espantoso com mostra de tam riguroso castigo, sendo Deos, & Pay de Misericordia, ouiu hũa voz, que dizia. *Se isto nasce das fontes da Misericordia, que será das da Iustica?* E logo desaparecera o Crucifixo, & se lhe representara cahir hum rayo sobre o Retiro.

Quiz a Magestade Del Rey Dom Phelippe Quarto festejar a eleição, pera o Imperio, Del Rey de Vngria seu cunhado, & mandou fazer hũa praça de madeira de tres andares todos de hũa architectura de arcos prateados, & de estranha grandeza, pera nella poderem caber duzentos de caualo todos de hũa libré de prata, & negro, com tochas nas mãos, em que El Rey entrou: & assim mais duas altissimas maquinas, que bem parecião sepulchros fundados sobre carros, pelos quaes tirauão muitos caualos, com innumeraveis luzes, que illustraão muito a obra; & a faziam muy admiravel. Fezse esta festa no inuerno de 638. á meya noite. Dom Pedro de Granada descendente dos Reys de Granada, pessoa de muy subido entendimento, & muy zeloso do bem de Castella, considerando a forma triste desta solemnidade, rompeo nestas palauas: *Estas sam as exequias de Espanha.*

Quando no anno de 1619. veyo El Rey Dõ Phelippe Quarto a Portugal sendo Principe, entrando



do na Sé de Euora, lhe deu o Arcebispo Dom Ioseph de Mello a beijar a reliquia do Sancto lenho, & levantandose, finto preso o manteo pelo filete em hum bico da Custodia, & não o podendo desapegar, puxou com força com o pescoço pera traz, & se rompeo, & desapegou toda a bainha da parte direita do manteo, de que o Principe ficou com grande sobressalto: acodio o Duque de Vzeda, & cortou a bainha por donde ficára pegada. Não faltou logo quem juizasse sobre este successo, & o tempo mostrou, que Euora auia de ser a que lhe auia de cortar o principal ornamento de seu collar, pela diuisão deste Reyno ao de Castella no aleuantamento, que se fez no anno de 1637. que sem duuida foy hum ensayo da felice acclamação de Sua Magestade.

Com analogia a este caso manifestou Deos na Escritura Sagrada, que auia de tirar o Reyno a Saul, por quanto pegando na roupa do Propheta Samuel, lha rompeo: & logo o Propheta declarou como Deos lhe auia de tirar o Reyno. *Scidit Dominus Regnum Israel à te hodie, & tradidit illud proximo tuo meliori.*

Muitos outros portentos deixamos por abreuiar como tambem a fatal, & escandalosa comedia, q em Madrid se celebrou no anno de 1637. na qual muitos senhores, & titulos de muitas cans, & authoridade principaes da Corte, representarão com leques nas mãos, toalhas na cabeça, & mais ornato, & habito de trage molheril.

C A P. XVII. Referemse outros notaveis successos de Portugal concernentes a estes tempos.

**N** A M só em Castella succederaõ os prodigios, que no capitulo precedente referimos, indi-

dícios de sua desgraça; mas tambem em Portugal ou-  
ue muitos: já de alguns fizemos menção na primeira  
parte, com tudo ainda relataremos outros, de q̄ pode-  
mos conjeituar grandes felicidades deste Reyno.

Na Cidade de Goa Metropoli do Oriēte no grã-  
diofo Mosteiro de Sancta Monica succedeo o caso mi-  
lagroso do Crucifixo, que se vio abrir os olhos, & ma-  
near os beiços; não particularizo outras circumstan-  
cias; por quanto se estampou já hũa larga relação. Cõ  
tam rara maravilha, podemos esperar da infinita bon-  
dade, que sera feruida de por seus diuinos olhos no Es-  
tado de todo o Oriente, se os peccados delle, & do  
Reyno o não impedirem; & que sejam estes olhos a-  
bertos, pera o restituir às propriedades antigas, assim  
no espirital, como no temporal; & vejamos tam-  
bem naquelle espaçoso estado comprida a promessa  
feita ao Inclito Rey Dom Affonso Henriquez,

*Ipse respiciet, & videbit.*

No verão do anno de mil, & seiscentos, & trinta  
& hum, estando o Bispo de Eluas Dom Sebastião de  
Mattos de Noronha em Lisboa, communicou a va-  
rios fidalgos hũa carta, que de Eluas lhe viera, cuja co-  
pia continha o seguinte.

Ontem à noite se viraõ sobre esta Cidade de El-  
uas da parte do Norte, ou Nascente, segundo minha  
lembrança, douse exercitos de gente formada no ar,  
que duraraõ muito tempo, com armas, & todo o apa-  
relho de guerra, & se vio, como que despediaõ lanças  
de parte a parte, & pelejauão entre sy. O Vigairo Ge-  
ral fica fazendo hum instrumento de testemunhas, pe-  
ra mandar a V. Senhoria. Atè aqui a copia da carta.

Semelhantes a estas foraõ as visões, que no segũ-  
do



do liuro dos Machabeos lemos apparecerão sobre a Cidade de Hierusalem, por espaço de quarenta dias, em que se viaõ no ar homens armados com capacetes, sayas de malha, & mais aprestos de guerra, em forma de quem batalhaua, que a todos metião horror, & espanto; & bẽ se mostrou a significaçõ destas prodigiosas visoẽs nas muitas guerras, que sobreuieraõ a Palestina.

Iá tambem em Alemanha antes q̃ se atassem as guerras ciuis, por morte de Iulio Cesar, se ouuiraõ por todo o ar estrondo de armas, como de exercitos; q̃ se encontrauaõ, do que fez menção o Poeta.

*Armorum sonitum toto Germania caelo,  
Audiit.*

Certa molher de muita virtude, de exemplar vida, já defunta em Euora, da qual fizemos menção no capitulo 28. da primeira parte, disse a hum Religioso Carmelita descalço, que foi seu confessor muitos annos, que ella via nascer hum Sol, & preguntan-  
dolhe em que parte o via nascer? apontou pera Villa-  
Viçosa.

São os Reys representados no Sol; porq̃ bẽ, como este dá luz a todo o mûdo, & a todos faz bẽ; assim deue ser o Rey a seus vassallos. Bẽ lho deu a entender Synesio Padre graue no liuro, que compoz dos Reys. *Nihil magis ea de re defagitandus est, quã Sol in suas stirpes, atque animantia radios effundens.*

E correr aos Reys esta obrigação de imitar ao Sol, significou Deos na vida, q̃ concedeo a El Rey Ezechias acrecentada nos rayos do Sol, prolongados em maior dia, como nota Agostinho Sãcto. *Cõuenienter tale signũ*

72 *Restauração de Portugal Prodigtosa.*  
*Regi in mortis expectatione posito aptissimum, quod Dominus*  
*per solem fieri taliter disposuit.*

Ao viuo o temos no Augustissimo Rey Dom  
I O A M nosso Senhor, Sol, que sahindo de Villa Vi-  
çosa: espalhando seus rayos, afugentou as treuas da  
morte, em que Portugal jazia, & o tornou á vida, por  
quanto entre os Latinos o mesmo hever a luz do sol,  
do que gozar da vida; termo de que vzou a Infanta  
Andromache, preguntando por seu marido Heitor.

*Virg.*  
*Æneid*

— *Viuis nè? aut si lux alma recessit,*  
*Hector ubi est?*

3.

Como tambem na noite se representaua a morte  
conforme o do Poeta.

*Virg.*  
*Æneid*

*In æternam clauduntur lumina noctem.*

329

Perguntou mais esta virtuosa molher a seu con-  
fessor, que terra era França, tam simplez era, que por  
sua singeleza não alcançaua mais, dizendolhe o con-  
fessor, porque causa lho preguntaua? tornou ella; que  
a causa era, porq de lá via vir pera este Reyno muita  
carneirada. O que bem vemos comprido na copia de  
soldados, com que El Rey Chrtistianissimo de França  
em duas armadas tem ajudado a este Reyno, & nos  
muitos Portugueses, que pelo mesmo Reyno de Frá-  
ça se vão passando de Catalunha a este de Portugal.  
de que tratamos no capitulo vinte & quatro da segun-  
da parte.

Mais que ordinaria admiração merecem os pro-  
digios, que no anno de 1643. succederaõ. Na Villa de  
Estremoz nalceo hũa portentosa menina. Chegou sua  
fama



fama ao Doutor Manoel Seuerim de Faria Chantre, & Conego na Sancta Sè de Euora, pessoa bem esclarecida no Reyno, a cujo zelo, & industria tem Portugal grande obrigação: pediu ao Guardiã da Piedade do Mosteiro da Cidade de Euora, que logo escreuesse a hum seu irmaõ Religioso da mesma prouincia morador em Estremoz, pera que se informasse minudamente de pessoas verdadeiras, & sabedoras das circumstancias do caso, o que elle fez com diligencia: & respondeo ao Padre Guardiã o seguinte.

Fuy preguntar á mãy da menina, & a tres vizinhas suas, que a virão, & se acharão presentes: falei tambem com o Medico, que a vio, & com o Prior, cuja freguesia era, & a bautizara: & todes me affirmaraõ como esta criança nascera em dia da Sanctissima Trindade, vltimo de Mayo deste anno de 1643. ás cinco horas da tarde, & viuera até a quarta feira seguinte, & às mesmas cinco horas da tarde mortera. Logo tanto, que nasceo a bautizarão em casa: porque corria perigo de vida, por nascer às aueffas. Sempre mamou até que morreo. O pay se chama Miguel Antonio, a mãy Maria Rodriguez.

Com esta menina ser em sy perfeita, trazia sobre a cabeça hum barrete vermelho feito de carne cõ seu remate tam vermelho, como graã; posto que a outros pareceo capacete. Quando estaua morrendo apparecerão duas Cruzes no mesmo barrete na fronteira, hũa mais alta, que a outra, as quaes se tornarão brancas quando espirou. Além disso tinha pendurado do embigo hum globo de carne negra redondo, como pelouro de bombardas, & do mesmo tamanho. Esta he a verdade, & por tal vola mando. Estremoz, 22. de Junho de 643.

*Fr. Diogo de Portalegre, Confessor de S. Antonio de Estremoz.*

Muito são pera ponderar as circumstancias deste prodigio: porem sômente discursaremos sobre tres que nos parecem principaes. A primeira he o barrete vermelho, o qual foi sempre simbolo da liberdade: como o traz Alciato, sobre a medalha de Bruto, quando recuperou a liberdade cõ a morte de Cesar: E por esta razão trazem os Senadores Venezianos barretes redondos na cabeça: como quẽ não reconhece fogueição a superior. E os Potentados liures vsaõ do barrete vermelho sobre os Escudos, em lugar de Coroneis; como são o Archiduque de Austria: o de Bauiera; como se vê ainda hoje no Escudo de Milão, q̃ Heraclio traz no seu Theatro do Mundo. Peloque bem se pode aualiar este prodigio, em fauor de nossa liberdade assas prodigiôsa, com tão raros finaes, como este he, & o do menino de Lisboa, de que fallamos no capitulo vinte, & cinco da primeira parte.

A segunda circumstancia he a do pelouro: tres exposições lhe podemos dar: a primeira he, que a balla he a arma, que derruba os Castellos; & a Monarquia Castellhana tem por armas hum castello: ao qual este portentoso pelouro dà bateria, & lança por terra. A segunda, que não chegando ao corpo este pelouro se manifesta a marauilha, que tem acontecido, em tantos pelouros, que deraõ nos nossos, & lhe cahiram aos pés, sem lhe fazerem damno, de que diremos no capitulo seguinte. A terceira, que os Portuguezes tem a dureza de ferro, & o impeto do pelouro cõtra seus inimigos: & que estes são os soldados, que das molheres Portuguezas nascem.

A terceira circumstancia he das duas cruces brancas, hũa sobre a outra na testa do barrete, a qual tem muita emphase: por quanto esta insignia foi propria



pria dos cruzados, que conquistarão a Terra Santa: & por isso a traziaõ os Templarios: como a traz pintada Fr. Hieronymo Romano na sua República Christãa. Esta mesma Cruz he a insignia de Portugal, por ser a da sua cavalaria de Christo, a qual he hũa Cruz branca no meyo de outra vermelha (tomouse dos Tẽplarios metendo as duas em hũa.) E assim estas duas Cruzes nos dão esperança, q̃ a nossa Cavalaria de Christo ha de levar outra vez a gente cruzada a Hierusalem: & recuperar a Terra Santa com extinção da ley de Mafamede, & exaltação da Sãcta Cruz; conforme se acha em varios vaticinios.

Outro prodigio ouue no Lugar do Souto na Prouincia da Beira, distante duas legoas & meya da arraya de Castella, em 26. de Março de 1642. asaber. Nasceo hũa bezerra de cor castanha com duas cabeças, & dous peiscos; dos quaes nasciaõ dous espinhaços, & se vinhão ajuntar no meio do lombo em hum sò. Tinha hum sò coração, & ventre. As duas cabeças eraõ iguaes em proporção ao corpo, com linguas, dentes, & tudo bem formado sem lesam algũa.

Não deixa este portento de ser mysterioso: por quanto Strabaõ, & Hortelio no seu Theatro Orbis tẽ pera sy, q̃ España se estẽde em figura de hũ couro de boy, cuja cauda estã lãçada ao fim da terra, a qual lava o mar Gallico, & diuidida a cabeça em duas partes, hũa dellas se representa no Cabo de S. Vicente; outra no promontorio Nereo.

Governaua neste tempo as armas desta fronteira Ioão de Saldanha, & Sousa; o qual se achou na empreza da felice acclamação de Sua Magestade, & foy dos primeiros, que com maravilhosos successos, & geral accitação rebateo o inimigo daquella Prouincia da Beira. Mandou a pelle deste mōstro chea de palha ao Reytor da Vniuersidade de Coimbra Manoel de Saldanha Bispo eleito de

Viseu; & elle a enuiou ao Arcebispo Metropolitano Dom Rodrigo da Cunha: por cuja via foy vista na Corte de Lisboa.

*CAP. XVIII. Em como algũas ballias dos inimigos maravilhosamente não fizeram dano aos Portugueses.*

**N**O capitulo oitauo da primeira parte relatamos acontecerem nas fronteiras de Alentejo, & da Beira maravilhosos successos, em as ballias dos inimigos não fazerem dano consideravel nos nossos soldados, cõ a distancia ser bastante, pera o poderem causar. Neste capitulo tocaremos alguns casos, que de nouo chegarão á nossa noticia: além do que constará, no que relatarmos em outros.

Primeiramente: falando das fronteiras de Tras os montes em geral, he cousa digna de admiração, sendo ao principio da guerra no anno de 641, a nossa gente nestas partes bisonha, & desfarmada; pois os que mais guarnecidos, sahião ao campo, leuauão mangoaes; outros espadas ferrugentas, & muy poucas armas de fogo (estado em que Castella tinha aquella prouincia,) E sendo as armas dos Castelhanos muitas; & chauceiro de pelouros, não nos faziaõ prejuizo. E acabados os combates, em que sempre ficamos vencedores, mostrauão os Portugueses huns aos outros os sinaes dos pelouros, pasmados de lhe não prejudicarem; por quãt e achauão, que a huns tinhaõ cortadas as alhetas dos hombros da roupeta: & outros tinham trespassados os chapeos, capotes, & saltimbarcas: & a muitos aconteceo, que estando soprando a mecha, lha leuauaõ o pelouro dentre a boca, & dedos, sem lhe fazer nenhum mal.

E decente



E decendo ao particular. Em hũa destas entradas, q̃ fizeram os nossos por Castella, servio de peito de proua a hum laurador a boroa, que leuaua ao peito por alforge, dentro da qual ficou o pelouro: & sendo quarteado, nam passou a diante. Este pelouro leuou a Lisboa Sebastião de Britto Escrição das diligencias, em que andaua em Tras os montes o Dezerbargador Ignacio Ferreira, pera mostrar a ElRey nosso Senhor.

Na vltima entrada, que fizemos nas terras de Monte Rey em Setembro passado de 642. recebeo Antonio Fernandez de Saã natural de Mirandella quatro arcabuzadas, cujos pelouros lhe passaraõ roupetas, & jubão, & camiza, fazendolhe em tudo buracos cortados na redondeza do pelouro, & hum delles lhe ficou na boca do estamago pegado na pelle, sem lhe fazer mais dano, que hum sinal negro, que ainda hoje tem; & os mais lhe ficarão dentro do vestido: & se atiraraõ de tam perto, que de hum, que lhe leuou os cabellos de hũa sobranceilha, lhe ficarão no rosto sinças da poluora.

Contardose este caso na Cidade do Porto, & diuidandose de poder ser, succedeo, que o mesmo Antonio Fernandez de Saã veio a ella: & o Dezembargador Ignacio Ferreira, em casa de Antonio Leite Ferreira diante de muitas pessoas lhe fez mostrar o sinal do pelouro na boca do estamago, & sobranceilha; & o jubão passado.

Na maravilhosa victoria, que o Capitão mór Ruy de Figueiredo de Alarcão, & Pero de Mello Capitão mór de Miranda, alcançaraõ dos inimigos em Brandilhanes fronteira de Miranda: onde os Castelhanos estauaõ muy fortidos de gente de guarnição, que de outras partes tinha concorrido pera defender a Villa, deu hũa balla inimiga nos peitos do Reytor da Igreja de Alagoa, estando confessando hũ Portuguez, & sendo muy pouca a distancia, nam  
lhe

lhe fez dano algum, com grande admiração dos presentes.

Chegou à foz do Rio Minho defronte de Caminha hũa nao carregada de drogas do Brasil: & sendo força varrar na areia, os inimigos fronteiros dispararão sobre ella algũas peças de artilharia, cujos pelouros, dando nos peitos a dous homens, os lançarão por terra, como mortos; porèm logo se levantaraõ saõs; & sendo vistos, se acharaõ sòmente nelles hũas nodos de sangue.

Ainda que foraõ tantos em numero os tiros, que dilpirou o Castello de São João, quando era de S. Phelippe, na Ilha terceira, como dissemos no capitulo doze, & treze da segunda parte, que com muita rezão causou grande admiração o pouco dano, que fizeraõ; com tudo nos pareceo apontarmos alguns casos, que de lá nos escreueraõ pelas foas dignas de fê.

Hũa Religiosa no Mosteiro de São Gonçalo, estando enferm, a pedio encarecidamente, que a mudassem do leytto, em que estaua pera outro; tanto que a mudaraõ deu logo hũa balla bem grande na cabeceira do leytto, cujas grades fez em pedaços; & o mesmo fez ás molduras de hum retabolo da Virgem nossa Senhora, naõ tocando na Imagem Sagrada. E foi Deos seruido, que a Religiosa, sem dano algum seu, sahisse deste perigo.

Estaua na trincheira fronteira ao Castello São Phelippe hum soldado nosso com seus companheiros brindando aos Castelhanos, ex que vem hũa balla, & leualhe o copo da mão, sem lhe fazer mal; com o que o soldado, & camaradas ficaraõ festejando, & rindo do pelouro.

Sete bombardas dispararão sobre hum escravo dos Portuguezes, q̃ colhia hortaliça, & todas esperaua a pê que do, & despois de cair o pelouro o hiabuscaraõ, & dando rizada, & corrimaça, aos q̃ na muralha inimiga estauaõ, se recolheo outra vez ás nossas trincheiras.



Todos estes casos referidos succederão na Ilha Terceira, cujos meninos em ouindo disparar, andauão á lerta tam sem medo, que hião buscar, o pelouro cõ aquella pressa, & festa; com que costumão ir apoz os foguetes, & buscapés quando se vão apagando. E por causa destes pelouros não fazerem dano, dizião algumas pessoas, que já não perdião o sono, por mais que as peças do Castello disparassem.

Outro successo hẽ engraçado aconteceu na torre de S. Gião em Agosto de 641. no dia, em que a armada de França entrou em Lisboa. Estaua a Capitaina Francesa de frente de S. Gião, dando salua á fortaleza; & respondeolhe ella, ex que arrebenta hũ canhão de bater de bronze, & se fez em pedaços entre quarenta pessoas sem a algũa fazer mal. Foi aualiado o referido por manifesto prodigio; assim por esta peça se chamar, a Castelhana, sem auer outra na fortaleza deste nome: como por arrebentar em pedaços contra a cõdição do bronze, que sómente fende.

Não se limitarão estas marauilhas nas fronteiras, & Ilhas de Portugal, mas ainda na Curia Romana foi nosso Senhor feruido de as obrar, como sabemos aconteceu em hum encontro, que o Bispo de Lamego D. Miguel de Portugal Embaixador de Sua Magestade teue com o Marquez de los Veles, como consta do testemunho seguinte,

Certifico eu Frey Andre da Annuniação Prior de Carmelitas descalços do Conuento de nossa Senhora do Carmo da Cidade do Porto, q achandome em Roma no mes de Nouẽbro de 1642. na rua, em q o Embaixador deste Reyno de Portugal Dõ Miguel de Portugal Bispo de Lamego teue hũ encontro com o Embaixador de Castella Marquez de los Veles, em q

de parte a parte ouue muitos tiros de cravinas, & pistolas, de que se seguirão muitas mortes nos Castelhanos com pouco dano dos nossos: & foi hum dos mais gloriosos successos, que este Reyno teue, pela muita gente morta, a fronta com que fogio o Castelhana; & pela grande gloria, que desta acção resultou aos Portugueses. Vi que nesta rua estaua hũa colūna de mármore metida em hum canto de hũa casa, donde dauão os pelouros da nossa parte; & nella deraõ cinco pelouros, & ficarão os sinaes impressos postos em Cruz: como se costumaõ pintar as Quinas de Portugal, & assim se tem em Roma por cousa miraculosa, & q̃ quiz Sua diuina Magestade pera gloria de Portugal, & memoria deste successo glorioso, ficassem aquelles cinco sinaes dos cinco pelouros significadores das Quinas de Portugal, impressos naquella columna, O que juro in verbo Sacerdotis, ser tudo verdade, & o affirmo de meu nome, neste Conuento de Nossa Senhora do Carmo da Cidade do Porto, em 27. de Agosto de 1643.

*Fr. Andre da Anuncição*

*C A P. XIX. De como se renderão as fortalezas de Setuual, S. Ioão da foz do Douro, & de Sagres.*



O Prologo da primeira parte, & no Prologo desta terceira, demos descarga de palavras em silencio a entrega de algũas fortalezas, & acclamação de Sua Magestade em algũas Cidades, & Villas, della faremos agora menção, segundo as noticias, que podemos alcançar.

Muy grande cuidado daua a entrega das fortalezas



lezas de Setuual, affim por a de S. Phelippe ser sobran *Castello*  
 ceira a toda a Villa, como por a de Sãctiago de Outão *de Sam*  
 estar sita na barra pera o Oceano, e ambas mui bẽ guar *Phelip-*  
 necidas de muniçoens, & mais petrechos de guerra, *pe, &*  
 por occasiã do medo das armadas de França, e a Vil- *Outão*  
 la muy falta de tudo o necessario, como o mais Reyno *de Setu*  
 pera as combater, & sogeitar. *ual.*

Porẽ Ioã Gomez da Sylua oje dignissimo Gõver-  
 nador das armas, & Relaçã da Cidade do Porto, ao  
 qual os Gouernadores cõmeterã esta empreza, se ou  
 ue cõ tanto valor, & industria, q̃ fitiou primeiro o for-  
 te de Outão por mar, e terra, pera q̃ não sendo este so-  
 corrido de Castella, antes logo sogeito a Portugal, fi-  
 casse a fortaleza S. Phelippe mais facil a se rẽder tam-  
 bẽ. Peloq̃ marauilhosamente por merce de Deos, sem  
 se leuar de espada, nẽ disparar arcabuz aos dez de De-  
 zẽbro de 1640. D. Ioseph da Victoria Castellão desta  
 força de Outão, assentadas honestas capitulaçoens, a  
 entregou com as costumadas solemnidades.

Rendido este forte, apertou o Capitão mór Ioã  
 Gomez da Sylua o cerco ao Castello S. Phelipe, & de-  
 pois de muitos recados de parte a parte, & conueniẽ-  
 tes concertos, aos quatorze do mesmo mes o Castell-  
 lão D. Alonso de Castilhõ lhe deu entrada na fortala-  
 zea em nome de Sua Magestade cõ vniuersal alegria,  
 affim dos Castelhanos, como Portugueses, os quaes lo-  
 go aruorarão as bandeiras Lusitanas com grandes vi-  
 uas, & saluas a El Rey N. Senhor. Os Capitaens Ca-  
 stelhanos destas forças forã beijar a mão a Sua Mage-  
 stade, de cuja benignidade, & grandeza receberã  
 bons despachos, & merces.

A gloria, que os moradores da Cidade do Por- *Castello*  
 to ganharã na entrada da fortaleza de S. Ioã situa *de Sam*  
 da *Ioã da*

foz do da na foz do Rio Douro, bem merecia o lugar, que  
 Daire. lhe demos tratando da conquista das mais forças do  
 Reyno, porèm já que a caso a achamos fora dellas, he  
 bem que nesta terceira parte inteiramente lhe resti-  
 tuamos a honra, & gloriosa memoria, com que na pri-  
 meira impressãõ lhe faltarão.

Tantoque a Magestade Del Rey Dom I O A M  
 nosso Senhor foi acclamado no Porto aos oito de De-  
 zembro do feliz anno de 1640. logo no dia seguinte á  
 porfia se embarcarão tantos da Nobreza, & Povo, que  
 no lugar da Empreza se acharão cinco mil homens  
 os que foraõ por terra, sem pera esta facção preceder  
 bando algum, mais que a força do brio Portuguez, &  
 lealdade de nobres, & fieis vassallos a seu Rey natu-  
 ral, que a cada hum grandemente estimulaua.

Muito era pera ver o Rio em tam alegre dia, com  
 o lustre dos soldados, resplandores das guarniçoens  
 dos vestidos, & reluzir das armas, estaua verdadeira-  
 mente Douro; o som das trombetas, & tambores, &  
 o estrondo dos arcabuzes, & mosquetes, que sem pa-  
 rar disparauão, juntamente os trouoens da artilha-  
 ria dos nauios, que se achauão no porto, retumbauão  
 ferindo os rochedos, & montes, que de hũa, & outra  
 parte cereaõ, & coroão ao Rio, & logo rebatidos dos  
 echos representauão ao viuõ hũa porfiada batalha, a  
 qual tambem parecia fermosa salua, pelos muitos vi-  
 uas, que a Sua Magestade dauaõ em vozes taõ altas, q̃  
 vencendo todo o estrondo, penetrauão as nuues.

Causaua este alegre, & belicoso espectaculo nos  
 velhos grandes jubilos de alegria, por verem cõ seus  
 olhos a liberdade da Patria, & o bem de Rey natural;  
 porq̃ tanto suspirauão: & sollicitauão decõtiuo ao Ceo  
 Nos peitos dos mais se aluoroçaua, & accendia o valor  
 & brio



brio dos antigos Portuguezes, o qual, se bem com os infortunios da foygeição Castellhana: estaua opprimido, não estaua de todo apagado.

Auistaraõ em breue o Castello, do qual saõ Capitães meres os Condes de Penaguião, ao presente era Castellaõ D. Diego Escalan de Guauara, o qual sabendo o que passa ua na Cidade, recolhera ao forte os soldados, & virtualhas, que pudera, cõ determinação de o sustentar na voz de Castella, até ser focorrido.

Os Portuguezes quizerão logo tratar de escalar a fortaleza, porẽm pareceo que primeiro se offerecese quartel aos sitiados: o Castellão despois de resistir com os costumados feros, se rãdeo a partido das vidas, & fazendas. Entraraõ a força os Portuguezes, aruaraõ as bandeiras, & armas Lusitanas pelos muros, e cobelos, dando grandes saluas, e vituas a S. Magestade.

Nas mesmas horas, em que este Castello se rendia, se celebraua na Cidade a segũda aclamação Del Rey N. Senhor, por quanto não contente a Relação com a que a Nobreza, & Povo solemnizara ao Sabhado. O Governador Manoel da Sylua, & Souza Comẽdador de Alpalhaõ, os Dezẽbargadores, cõ os mais ministros de justiça, correrão a caualo as ruas principaes appellidando ao Augustissimo Rey D. I O A M IV. N. Senhor: bẽ era, q̃ a felicidade, & merce do Ceo tão affinalada não fosse festejada cõ aplauso de hũ só dia. Nestas aclamaçoens teue o Dezembargador Igaacio Ferreira muita parte.

Iá no capitulo 7. dissemos, como as fortalezas de Saõ Vicente, & a de Sagres se renderão pela boa industria do Governador Henrique Correa da Sylua; Castellão de Sagres se ouue cõ muita galantaria Logo em chegando a noua da aclamação Del Rey nosso Se

Castello  
d. Sa-  
gres.

nhor Dom I O A M, mandou fechar a força, pareceo aos nossos, q se duvida o fazia pera se por em defeza, fortificandose em ordem a resistir aos que a pretendessem conquistar.

Porém o tempo mostrou, que o desinio fora pera tomar conselho com os soldados sobre a entrega: todos de mão commum escreuerão a Sua Magestade, que não só lhe entregauão a fortaleza, mas se offerciam ao seruir na milicia desta Coroa, onde ordenasse Sua Magestade, porq julgauão, q fazer o contrario era resistir ao Espiritu Sancto. Sua Magestade agradecendolhe o seruiço, mandou vir o Castellaõ a esta Corte, & lhe fez largas merces.

O juizo deste Capitão Castelhana ouui tambem a pessoas grauíssimas, assi na idade, & prudencia, como experimentados na variedade dos successos humanos, os quaes affirmauão estarem muy escandalizados de Castella não acabar de cahir, em como a acclamação de Sua Magestade, & as gloriosas marauilhas da restauração desta Coroa eraõ obra soberana do braço Omnipotente.

C A P. XX. De como Sua Magestade foy acclamado Rey em Setuual, & na Cidade do Porto.

Setuual



Ioão Gomez da Sylua encarregaraõ os Governadores a acclamação de Sua Magestade na Villa de Setuual, como a entrega das fortalezas Sam Phelippe, & Sanctiago de Outam, de que já tratamos, assim pelos apoyos de qualidade, prudencia, valor, & mais talentos, q nelle concorrẽ, como por auer

pou-



poucõ, que fora Capitão mór, & Governador das armas na mesma Villa muy aceito,

Aos 4. de Dezẽbro entrou nella, deu logo parte da cõmissãõ, que leuaua, a D. Pedro de Alencastre Bispo eleito da Guarda, & filho da Real Casa de Aueiro, & aos fidalgos, justiças, & mais nobres, que presentes se achauão, dando juntamente ordem aos Capitaens, que o acompanhassem com seus soldados: se foi à Camara. Aonde juntos todos com o pouo, lançou mão do Guião Real, & das varandas disse em altas vozes: *Viva, viva, El Rey nosso Senhor Dom I O A M Quarto Rey de Portugal.* a que todos responderão repetindo muitos, & alegres viuas: & sahindo em solemne procissão pelas ruas mais publicas foraõ à Igreja matriz, render graças à diuina Magestade por tam soberana merce. Aos presos, que não tinhão parte, se deu liberdade: Seguirão se logo luminarias, & mais demonstraçoens de prazer, & applauso tranfordinario.

Neste tempo estauão pelas muralhas os Castelhanos do presidio vendo com seus olhos a acclamação do nouo Rey, attonitos sem acordo com tam subita & prodigiosa nouidade,

Muito era pera reparar, que força suspendia as armas da fortaleza Saõ Phelippe tam poderosa, & soberanceira? Que exercitos acouardauão aos soldados Castelhanos? Que poder lhes ataua as mãos, pera não darem fogo às peças de artelharria, & atrazarem, & cõsumirem toda a Villa? Porẽm no rendimẽto das mais fortalezas, de q̃ dissemos no capitulo 9. da segunda parte, se deixará bem ver ser a diuina Omnipotẽcia obradora de tam raras marauilhas.

A acclamação de Sua Magestade na muy noble, *Porto.* & sempre leal Cidade do Porto foi tam celebre, & a

tocamos tanto por maior no capitulo 7. da segunda parte, que pede a rezão, tornemos a fazer mençam das particularidades, de que não fomos sabedores.

Aos oito de Dezembro de 1640. juntos os Vreadores em Camara chamarão a ella os fidalgos, & nobres, dos quaes nomeamos alguns no capitulo allegado, examinarão as noticias, que auia do que passaua em Lisboa, Fesnam Nunez Barretto mostrou hũa carta de seu primo Dom Affonso de Meneses, & outra de Dom Pedro de Meneses Conde de Cantanhede, das quaes constaua estar já Sua Magestade acclamado Rey,

Com esta certeza assentaraõ acclamar tambem a El Rey naquella Cidade, & assi sem mais demora logo da varanda começarão a dar viuas, & *Real, Real por El Rey Dom I O A M Rey de Portugal.* Leuaua a bandeira da Camara Miguel Ferraz Brauo, & o Guião Gonçalo de Vasconcellos Vreador mais velho; & nesta forma entrarão na Sè, aonde o muito Reuerendo Cabido os esperaua pera todos juntos renderem as graças á Virgem Mãy de Deos, em cujo dia recebião por sua soberana mão a inexplicauel merce da liberdade da Patria, & restituição de Rey natural.

Acabada a acçam de graças sahiram o Cabido da Sé, & Dignidades com capas de Asperges, de que estauão reuestidos, & a Camara com a Nobreza, & Povo, que já era junto em grande parte, & em forma de procissão, correrão as ruas, & praças principaes da Cidade, dando, & repetindo todos muy alegres viuas, & *Real, Real por El Rey Dom I O A M Rey de Portugal.*

Foi tão grande, & cõmum o aluoroço, & alegria, cõ q se celebrou esta acclamação, q atè os Padres da

Com:



Cõpanhia de IESV, & os mais Religiosos de quasi todas as Religioes, q̃ ha na Cidade, acõpanharaõ, & se acharaõ nella, & muitos ouue, q̃ leuados do amor da Patria sahiram sem mantos, & nesta forma todos pela Cidade continuaraõ cõ este solemne aplauso.

Ouue luminarias; & outras festas nos oito dias seguintes, nos quaes se fez tambem outra preciffaõ em acção de graças com a solemnidade da do Corpo de Deus, & leuarão nella o cofre das reliquias de São Pantaleão Padroeiro da Cidade, & todas as mais Religioens em diuersos dias defencerraraõ o Sanctissimo com musica, & pregaçoens manhaã, & tarde.

Finalmente no aplauso, & mostras de prazer a esta feliz acclamaçam de Sua Magestade foy esta Cidade de semelhante a si mesma na antiga acclamação, com q̃ tomou a voz Del Rey D. Ioaõ o Primeiro de boa memoria; & a este Reyno todo não foi inferior na paz, & quietação, com que El Rey nosso Senhor foy acclamado, sem mortes, nem excessos. Porém em parte foy desemeilhante a si mesma, por quanto se na primeira acclamação de El Rey Dom Ioaõ o Primeiro ouue escandalos, & mortes; nesta do Serenissimo Rey Dom IO A M Quarto tudo foy vnião de animos, & alegria.

A gratidã, que os Portugueses deuemos ao exemplo admirauel da fineza, & quilates de constancia, & valor Lusitano, que Antonio da Cunha Ferraz deixou aos viuos, & aos viuidouros, com a vida, q̃ largou no cãpo em reconhecimẽto de nosso Rey, como logo diremos, nos obriga a nã sahir desta Cidade patria sua, sem o lançarmos neste lugar: por quanto he façanha tam rara, que pode competir, & fazer sombra às prodigiosas obras dos Mucios Sceuolas, dos Calistos Sceuas, dos Acilios, dos Cynegiros, & do nosso D. Lourenço de Almeida, & mais insignes varoens Lusitanos.

que os Poetas, & a fama com razão não acabão de celebrar, o qual consta da certidão seguinte.

Certifico eu Frey Manoel de Abrantes, Religioso da Prouincia da Piedade, & Guardião no Mosteiro de S. Francisco de Chaues, que indo eu a Galliza pera dar sepultura a hum frade nosso morto na entrada, que os Portuguezes fizeraõ por Galliza aos sete de Setembro de 1642. fuy achado dos inimigos, & leuado atè junto de Mõte Rey por hum Tenente de caualos acompanhado de vinte soldados Castelhanos pouco mais, ou menos, o qual me contou muy espantado do valor de hum Portuguez, que no fim da refêga achára no chão muy grauemente ferido; & pondo-lhe hum punhal nos peitos lhe perguntára. *Quem viue?* Ao que elle respondera. *Viue meu Rey Dom IOAM Rey de Portugal.* E replicandolhe, que disseste sô: *Viva El Rey D. Phelippe,* que lhe daria vida, & liberdade, & senão, que tudo perderia: tornára o valeroso Portuguez: *Viva meu Rey Dom IOAM a pesar da mesma morte.* E ditas estas palavras; elle o matára, E preguntandolhe eu se lhe sabia o nome, o Tenente, & os mais me disseraõ, que ouuirão dizer chamar-se Antonio da Cunha Ferraz. E por assim passar na verdade; & me ser pedida, a dey por mim feita, & assinada com meu companheiro Frey Manoel da Vidigueira, o qual como testemunha de vista afirma o mesmo. Chapes dez de Feuereiro de 643.

*Fr. Manoel de Abrantes.* Fr. Manoel da Vidigueira.

A letra dos Reuerendos Padres foi reconhecida por Joseph de Almeyda Ribeyro Tabalião publico, & judicial na Villa de Chaues, & seu termo.

Este he o glorioso fim do fidalgo Antonio da Cunha Ferraz exemplar, & enueja da nobreza, & fidalguia Lusitana, proua singular da fineza do amor, & lealdade, que os Portuguezes sabem guardar ao Rey, & Patria: pois tẽdo na



escolha a vida, & a morte, quiz antes dando viuas a seu Rey morrer com a gloria de honrado, do que com labêo de infiel prolongar a propria vida. E potque conste ao mundo a estimacão, q̃ Sua Magestade faz de façanhas illustres, & obras caualeirosas de seus vassallos, nos pareceo lâgar aqui estas.

*Carta de Sua Magestade. pera Martim Ferraz de  
Almeyda fidalgo de sua Casa.*

**M** Artim Ferraz de Almeyda. Eu El Rey vos enuio muyto sandar. Tiue noticia do zelo, com que vos deiberastes a mandar vossos filhos seruirme nas fronteiras de Tras os montes, que estime igualmente ao que me causou descontentamento a morte de hum delles, & o mau tratamento, & prisão de outro. Estay certo, que terey particular cuidado, & lembrança de vossas cousas, & que me será sem pre presente a resolução, com que de vossa parte tratastes de os encaminhar a meu seruiço, que he conforme a quem sois, & dizeraos, que aos Governadores das armas das prouincias de entre Douro, & Minho, & Tras os montes tenho mandado escreuer, que com toda a diligencia, & efficacia possiuel tratem da liberdade de Miguel Ferraz Brauo vosso filho, fazêdo troca cõ outros prisioneiros do inimigo. E vós podereis fazer petição pela Secretaria das merce, pera eu vos mândar desferir á satisfacão de vossos seruiços com o fauor, que ouuer lugar. Escrita em Alcantara a 15. de Junho de 643. R E Y.

*O Bayllo Fr. Bras Brandão.*

*O Conde de Penaguião.*

*Carta de Sua Magestade pera o Conde de Castel milhor  
General das fronteiras d'entre Douro, & Minho.*

**C** Onde amigo. Eu El Rey vos enuio muyto sandar, como aquelle, que amo. Por parte de Martim Ferraz de Almeida fidalgo de minha Casa, morador na Cidade do Porto

Porto se me representou os serviços, que nessa fronteira de Tras os montes me fizeraõ seus filhos com criados, & caualos à sua custa, & muita despeza de sua fazenda, dos quaes hum morreo pelejando com o inimigo, & outro por nome Miguel Ferraz Brauo, que era Capitão de caualos, foi prisioneiro com muitas feridas mortaes, & estaua no Castello de Sancto Antão da Corunha com grande risco de sua vida, & porque he justo, & conuem, que com a diligencia possiuel se trate da liberdade deste Capitão, encomendouos, & mando, que por essa parte com toda a industria, & efficacia procureis encaminhala, & se faça troca com alguns prisioneiros do inimigo, conforme as ordens dadas, de que terei muito contentamento por elle o merecer mostrando grande valor, & zelo de meu seruiço. Escrita em Alcantara a 15. de Junho de 644.

REY;

O Bay'io Fr. Brás Brandaõ.

O Conde de Penaguião.

*CAP. XX. Proseguese a acclamação de Sua Magestade em Villa Real, Guimeraens, & nas Cidades do Viseu, & Braga.*

**A** OS dez de Dezembro do dito anno de 640. certificada a Camara de Villa Real por hũa carta, que a Cidade do Porto lhe enuiara sobre o que nella, & em Lisboa passaua, todos os moradores sem replicas, nem contra dição algũa acclamaraõ ao Serenissimo Rey Dõ I O A M Quarto, com grandes viuas, ao som de atambores, & charramellas, seguiram se lógo luminarias, & outras festas.

Passados alguns dias, chegou a carta assinada pela mão Real de Sua Magestade, & se tornou a celebrar a segũa ac-

clama;



clamação com mais solemnidade, em que foraõ o Capitão mór Gonçalo Teixeira Coelho, os Vreadores, & mais justiças, & officiaes da milicia com a Nobreza, & Povo acclamando a ElRey N. Senhor com grandes viuas, & â noite ouue luminarias, e outras festas.

Foi tam grande a alegria, & prazer de toda a Villa, q̃ muitos não se dando por satisfeitos com as acclamaçoens dadas de palaura, as escreuiaõ tambem nas janellas de suas casas com letras grandes, em q̃ bẽ se lia. *Viva ElRey Dom I O A M.* Porque como na boca, janella do coração tinhaõ os viuas do muy querido Rey, assi na janella da casa estauão escritos, peraque no maior silencio da noite, & em todo o tempo brá-dassem o amor, que ao Rey, & â Patria tinhaõ dentro nos coraçãoes.

Muy auantajados neste particular aos moradores de Babylonia, porque se estes foraõ os primeiros, que puseraõ craueiros ás janellas, peraque dando com os olhos nas flores se alegrassem, estes alegretes de Villa Real, em q̃ a flor do appellido de Rey encerra a graça no nome *DelRey Dom I O A M*, tẽ tal propriedade, que a Portugueses sepultados restaurou a vida. Qual a fita encarnada de Rahab posta à janella deu vida a toda a casa, & a liurou dos soldados do Capitam Iosué, que assolauão a Iericò.

Iosue. 2

De sorte que se nestes tempos o Mantuano nos preguntara por flores de Reys.

*Dic quibus in terris inscripti nomina Regum,  
Nascantur flores?*

Bẽ lhe poderamos respõder, q̃ nas janellas de Villa Real em seus craueiros, & al gretes veria brotar estas flores

res, as quaes no coração do inuerno apregoando viuas ao felicissimo Rey Dom I O A M, alegro, & dão vida a hum Reyno morto.

*Guimaraes.*

Chegou à Villa de Guimaraens affaz esclarecida com o bem afortunado nascimento do Serenissimo Rey Dom Affonso Henriquez gloria de Portugal, a fama de como Sua Magestade ficaua aclamado Rey em Lisboa, & em outras partes, & inteirados os mais nobres do que passaua, aos doze de Dezembro de 1640. se forão com o Povo á Camara, & dando das janellas em altas vozes grandes viuas a El Rey nosso Senhor; o acclamarão com notauel aplauso, & alegria, correndo as ruas mais publicas da Villa, fazia o officio de Capitaõ mór Manoel Machado de Miranda, & Pero Cardoso de Meneses Vreador mais velho leuaua o Guião; & assi juntos Nobreza, & Povo se forão lançar aos pès da Virgem Senhora da Olieyra Mãe de Deos, dizendolhe com grandes affectos alma, & viua fé em altas vozes.

Virgem Sagrada, vós, Senhora, defendestes, & sustentastes com vosso fauor a El Rey Dom Ioão o Primeiro, & ao grande Condestable, dandolhe gloriosas victorias, que elles reconhecerão recebelas de vossa mão enriquecendo a estavossa casa, & visitandoa muitas vezes, assim, Senhora, sede agora seruida de emparrades ao nosso Rey Dom I O A M Quarto neto de ambos, & glorioso Restaurador deste Reyno; & em hum dos dias seguintes se fez hũa proçissão solemne em accaõ de graças.

*Viseu.*

Tanto que a Cidade de Viseu foi inteirada, do q p. flaua em Coimbra pelas nouas, que lhe trouxe Manoel Tenreiro de Gounea, & o Doutor Frey Francisco de Sampayo Religioso do Beuenturado S. Bernardo



narde. Os Capitaens, & mais nobres da Cidade aos quatorze do mes de Dezembro do felice anno de 640. acclamação Sua Magestade, por quanto acodindo ao aliuoroço, & repiques do sino da Camara, Antonio Botelho Vreador mais velho, & o Iuiz de fora Manoel de Carualho da Sylua, que seruia de Corregedor; se foraõ a elles com as espadas nuas, requerendolhe, que entregassem a bandeira Real, & abrissem as portas da Camara pera se acclamar a El Rey nosso Senhor com a solemnidade costumada. E logo todos feitos em hum coração entregaraõ a bandeira, & o Vreador mais velho acompanhado da mais Nobreza, & Pouo a leuou pela Cidade, dando grandes viuas a Sua Magestade.

Não deixou a Augusta Cidade de Braga de ser das primeiras na felice acclamação de Sua Magestade pelo não ser no desejo, & zelo da liberdade, & no fino amor aos Reys Portugueses, mas pela detença, que fizerão as cartas dos Arcebispos Governadores em lhe chegar: por ellas esperauão por momentos, & com esta enganosa detença lhe foraõ correndo alguns dias com muy grande pena sua: a qual tanto mais a estimulaua, & atormentaua, quanto mais creção as noticias do que passaua nas outras Cidades do Reyno.

Iá quando o Doutor Domingos Correa de Abreu vindo do Porto entrou pelas ruas desta Cidade, elle, & seus criados com ramos verdes nas mãos, dando mil viuas a El Rey Dom I O A M nosso Senhor, muy mal se freraõ todos não o acompanhar. Porem no dia seguinte não podêdo já esperar mais, satisfizerão a seus desejos.

Foraõ os estudantes os primeiros, os quaes com aprazimento, & ordẽ de seus Meſtres, repicandose o Relogio, & mais sinos do Collegio da Cõpanhia de IESV, & logo os da Sè, correrão as ruas dando viuas, & acclamando a Sua

Sua Magestade: sahirão aos acompanhar os Nobres, Ecclesiasticos, & Seculares, & o Povo, que nada mais desejavão; a cuja vista fez o mesmo a Camara, levando a bandeira o Alcayde mór Constantino da Cunha Sotto maior.

E desta sorte solemnizarão com todas as ceremonias a aclamação de Sua Magestade com transordinarias demonstrações de aplauso, & alegria. Della tambem gozaráõ os presos do Castello, & os do Aljube no dia seguinte por mandado da Relação com a liberdade, que lhes concederaõ. Fez despois o muito Renerendo Cabido cõ a Cidade pro cissaõ muy solemne em acção de graças. Sahiraõ a publico os Estudantes com hum lustroso alardo, no qual deraõ mostras do desejo, que tinhão de peleijar pelo Rey, & pela Patria.

Sabendose nesta Cidade como o Castelhanos da fortaleza de Vianna determinava de a defender, & sustentar na voz de Castella: tratarão os Vreadores em Camara delhe mandar duas bandeiras pagas pera ajuda de se render. Ouve entre os nobres tanto feruor, q̃ sobre quem as avia de capitanear, puxarão entressi, querendo o averiguar pelos fios da espada. Atalhouse porê seguindo-se o direito da anciania o qual coube aos Capitães Bras Pereira do Lago, & Antonio Barreto Toscano.

E não ouve pouca difficuldade em ter mão nos valerosos Bracarenses, pera que não desemparassem a Cidade pelos acompanhar nesta empresa, dando nesta occasião, & em outras de rebates, q̃ ouve de inimigos boas mostras de como não degeneravão do esforço antigo de seus avós tam celebrado nas historias.

Esta he em breve compendio a obra da maravilhosa restauração de Portugal: este he o argumento do esforço, & valor Lusitano tam celebre dos antigos, & hoje com muita tezaõ admiravel, & engrandecido pelos mais valerosos,



& inclytos heroes do mudo. Iã em algũs lugares de clarei, como não fora meu intento historiar a execução de façanha tão peregrina, & nunca vista. Não faltarão Livros Latinos, & Barros, & Coutos Portuguezes, q̃ com estylo muy alto, & competente a escreuão, dando bẽ a conhecer o esforço Lusitano, q̃ nella resplandece, com particularisar miudamẽte todas as acçoẽs maravilhosas, que nella se obrarão.

Contentome com nesta breuidade dar por maior nouas de Portugal renouado; & desta sorte apresentando mostras do Espiritu Portuguez; neste particular imitando aos Pintores, os quaes pintando só o rosto de quẽ retratão, dão a conhecer todo o mais corpo. E se de hũa só obra pequena, & leue se pode vir em noticia do preço, & qualidades do sogeito, & colligir o muito, q̃ d'elle se deue esperar; como disse Plutarco de Alexandre Magno. [*Exiguum factum, dictamq; & jocus aliquis speciem edidit morum.*]

De obra tam grande feita em principio de hum Reyno tão prostrado: & ainda tam tenro, q̃ augmẽtos & progressos? Que victorias, & conquistas se podem prometer? Se de pequeno se conhece qual ferã o Leão; que proezas nos podemos assegurar da generosidade do Leão, vaticinado por Esdras, & Bandarra (de que na primeira parte tratamos) o Srenissimo Rey Dom IOAM nosso Senhor?

Esperamos na diuina Bondade de nosso Deos; que assim como foy seruido restituillo a seu Reyno, & Monarchia tam maravilhosamente com igual espanto das naçoens estranhas, do que terror de seus emulos, o ha de conseruar, & dilatar cõ muy larga posteridade de seus Reaes descendentes pera exaltação da Fé Catholica, reformação de justiça, & procedi-

96 *Restauração de Portugal Prodigiosa.*  
mentos Chaiстаõs de seus vassallos, & novos augmen-  
tos da Monarchia Lusitana.

FINIS, LAVS DEO.

INDEX DOS CAPITVLOS DA TERCEIRA PARTE

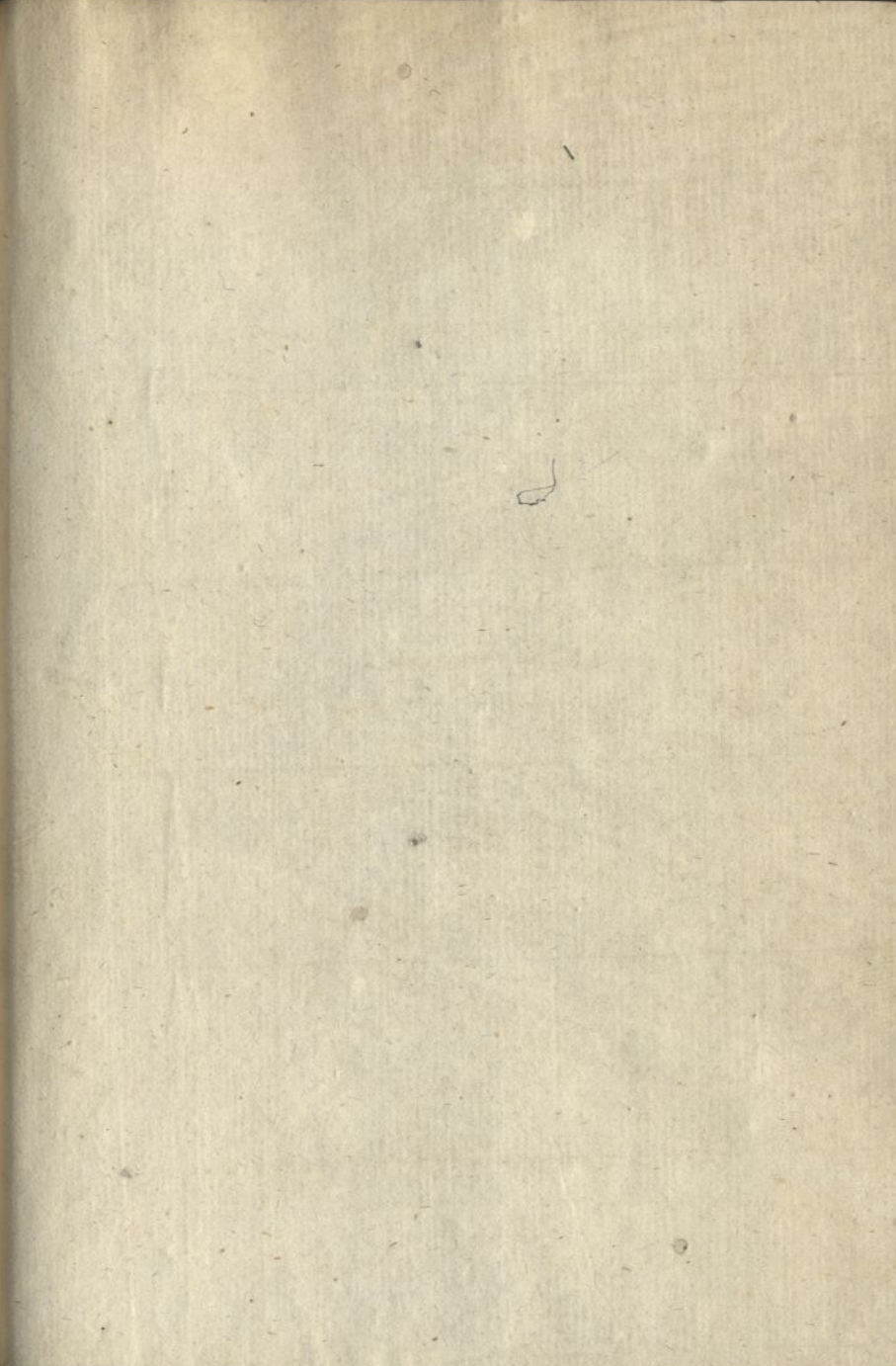
PREMIO

- C**ap. I. Relata-se, como a Diuina  
justiça foj dispondo o casti-  
go da fogueira de Portugal a  
Castella. fol. 4.
- Cap. II. De alguns vaticinios, como  
Portugal teria Rey natural antes  
de se acabar o anno de 1640. f. 9.
- Cap. III. Prosegue-se outros vati-  
cinios do mesmo argumento, &  
hum caso raro de Barcellos. f. 13
- Cap. IV. Do que a Santidade do Pa-  
pa Gregorio XIII. & outras grauis  
sima pessoas mostraraõ sentir da  
fogueira de Portugal a Castella. f. 18
- Cap. V. Explicam-se algũs versos de  
Gonçalo Annes Bandarra. f. 23.
- Cap. VI. Prosegue-se a explicação de  
outros versos de Gonçalo Annes  
Bandarra. f. 28
- Cap. VII. Como dizem bem a Sua Ma-  
gestade as qualidades, q̃ Bandarra  
dá ao Rey, de que fala. f. 31.
- Cap. VIII. Mostra-se como outras cir-  
cunstancias do Rey, de q̃ fala Ban-  
darra, quadraõ bê a Sua Magesta-  
de. f. 35.
- Cap. IX. Continua-se o mesmo argu-  
mento de outras circunstancias do  
Rey, de que Bandarra fala. f. 37.
- Cap. X. Da chegada de Sua Magestade  
a Euora, & da solemne entrada, q̃  
nella fez. f. 40.
- Cap. XI. Do exercito, que Sua Mage-  
stade leuanteou, & mandou entrar  
por Castella, & dos lugares, &  
Villas, que foraõ tomados. f. 44.
- Cap. XII. Como o Conde de Castell  
milhor entrou em Galliza, tomou  
Saluaterra, & a fortificou. f. 48.
- Cap. XIII. De outros successos de Sal-  
natterra, Villa noua, & da marauil-  
lhosa Cruz, q̃ appareceu no Ceo. f. 54
- Cap. XIV. De como D. Ioão de Sou-  
za General das armas de Tras os  
montes entrou por Castella, & do  
que nella fez. f. 58.
- Cap. XV. De como Dom Aluarez de  
Abrãches General da Beira entrou  
por Castella, & do q̃ nella obrou. f. 64
- Cap. XVI. De varios infortunios de  
Castella cõcernentes a estes tem-  
pos. f. 64.
- Cap. XVII. Referem-se outros nota-  
ueis successos de Portugal concer-  
nentes a estes tempos. f. 69.
- Cap. XVIII. Em como algũas ballas  
dos inimigos marauilhosamente  
nãõ fizeraõ dano aos Portugue-  
ses. f. 75.
- Cap. XIX. Como se renderaõ as for-  
talezas de Setuual, S. Ioão da foz  
do Douro, & a de Sagres. f. 80.
- Cap. XX. De como Sua Magestade foi  
aclamado Rey em Setuual. f. 84.
- Cap. XXI. Prosegue-se a aclamação  
de Sua Magestade em Villa Real,  
Guimaraens, & nas Cidades de  
Viseu, & Braga. f. 90.

*Com todas as licenças necessarias.* Em Lisboa, por Anto-  
nio Alvarez Impressor Del Rey N. S. An. 1644.

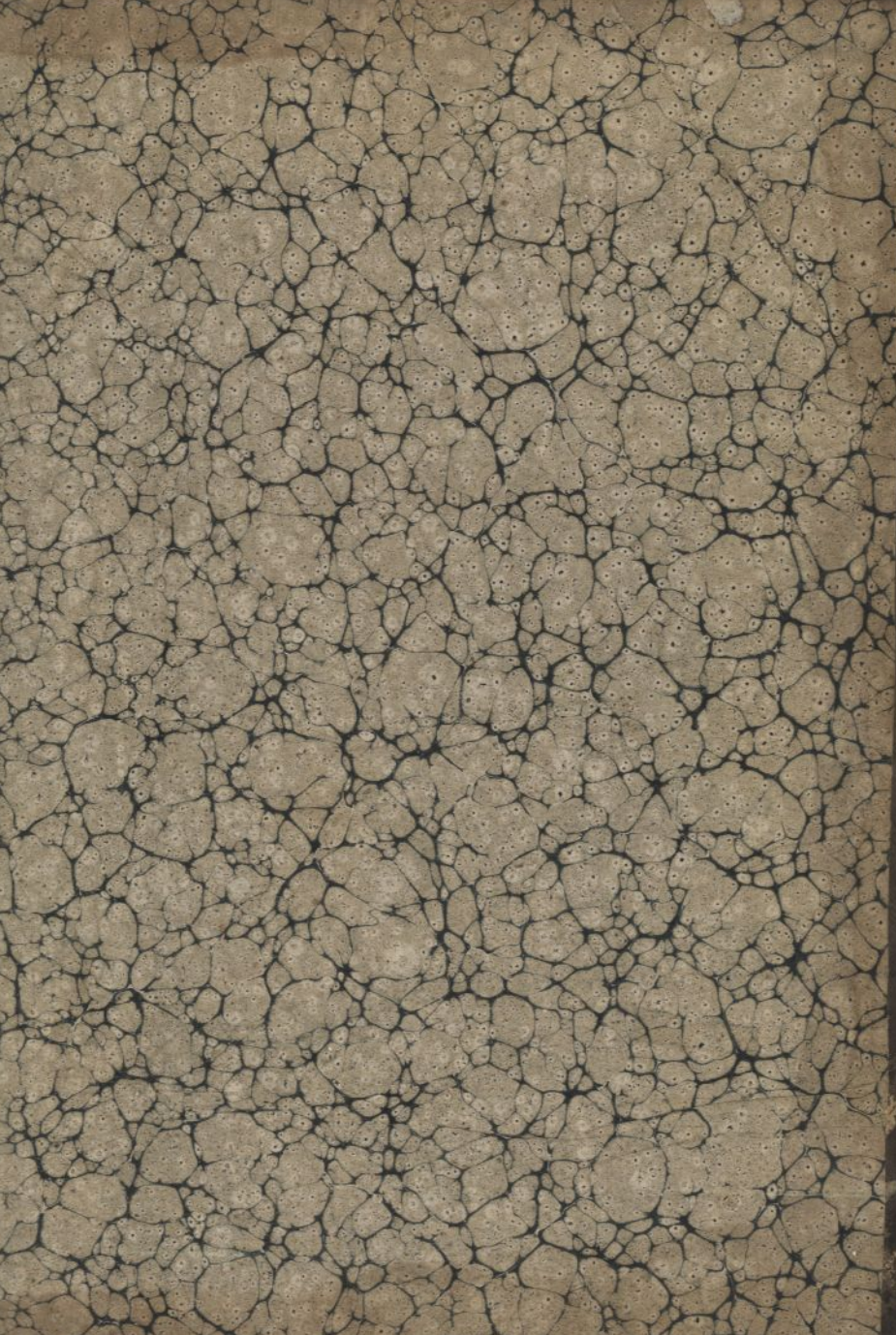












NB



WFG0808063919W